



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Mário Henrique Gomes Quinderé

**Um país, poucas vozes: estudo sobre o
fluxo de informação jornalística em impressos brasileiros**

Rio de Janeiro

2008

Mário Henrique Gomes Quinderé

**Um país, poucas vozes: estudo sobre o
fluxo de informação jornalística em impressos brasileiros**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof^a Dra. Sonia Virgínia Moreira.

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

Q7

Quinderé, Mario Henrique Gomes.

Um país, poucas vozes : estudo sobre o fluxo de informação jornalística em impressos brasileiros / Mario Henrique Gomes Quinderé.-. 2008.
82 f.

Orientadora: Sonia Virgínia Moreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Comunicação Social.

1. Jornalismo – Brasil – Teses. 2. Jornais brasileiros – Teses. 3.
Comportamento informacional – Teses. I. Soares, Jorge Coelho. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação
Social. III. Título.

es

CDU 070(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Mário Henrique Gomes Quinderé

**Um país, poucas vozes: estudo sobre o
fluxo de informação jornalística em impressos brasileiros**

Dissertação apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovada em 03 de novembro de 2008.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Sonia Virgínia Moreira (Orientadora)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Prof. Dr. Felipe Pena
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Ronaldo Helal
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Rio de Janeiro

2008

AGRADECIMENTO

Agradeço a professora Sonia Virgínia pela orientação e estímulo durante esta jornada, a todos os demais professores do PPGC, em especial ao professor Ricardo Freitas pelo imenso auxílio e incentivo, e a todos os colegas de curso.

DEDICATÓRIA

Dedicada a meus pais, por tudo, sempre, e a Paula, por tudo, sempre.

“Não espere nada do centro Se a periferia está morta Pois o que era velho no norte Se torna
novo no sul”
Mundo Livre S/A

RESUMO

QUINDERÉ, Mário Henrique Gomes. *Um país, poucas vozes*: estudo sobre o fluxo de informação jornalística em impressos brasileiros. 82f. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Esta dissertação trata do fluxo de informações jornalísticas em impressos brasileiros, tomando como eixo diferentes regiões do Brasil. Mensuramos o nível de desequilíbrio desse fluxo entre estados com acentuadas diferenças sociais e econômicas, tomando como exemplo, a relação entre o Ceará e epicentros midiáticos como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, através de quatro jornais impressos. A pesquisa operou em dois eixos. O primeiro dentro dos estudos de comunicação internacional, campo que iniciou os trabalhos pioneiros sobre os fluxos de comunicação. O segundo buscou os critérios de noticiabilidade e a égide da “objetividade” dentro do processo de construção da notícia. Com essa base teórica, foi possível analisar os dados e traçar um painel de como funcionam os fluxos de informação jornalística nos veículos escolhidos e a lógica temática por trás dos números.

Palavras-chave: Comunicação Internacional, Teoria do Jornalismo, Critérios de Noticiabilidade, Fluxos de Informação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	FLUXOS E CONTRA-FLUXOS NA COMUNICAÇÃO: ORIGENS E DESDOBRAMENTO	12
3	O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO, A “OBJETIVIDADE” E OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	23
4	QUATRO ESTADOS, MÚLTIPLOS FLUXOS E UMA METODOLOGIA	32
5	ANÁLISE POR REGIÃO	51
6	ANÁLISE POR TEMA	63
7	CONCLUSÕES	76
8	REFERÊNCIAS	80

1. INTRODUÇÃO

Dentro da dinâmica do mundo contemporâneo, o campo da comunicação vem sofrendo uma série constante de mudanças e instauração de novos paradigmas. Diante da velocidade com que certas fronteiras vêm sendo vencidas, a importância de mapear e diagnosticar certos fenômenos e tendências é de suma importância para qualquer pesquisa no âmbito do processo de construção, seleção e circulação de notícias.

Como bem argumenta Manuel Castells (2006) em seu livro, *A Sociedade em Rede – A Era da Informação*, nossa sociedade é construída com base em fluxos, sejam eles, fluxos de capital, de tecnologia, de imagens, de sons e de símbolos. Esta pesquisa é centrada em um fluxo particular que atinge em cheio a seara midiática: o de informações, ou mais precisamente, de notícias.

Sabemos que a análise dos fluxos e contra-fluxos nasceu dentro da tradição dos estudos sobre comunicação internacional. Sabemos, também, que tais estudos no Brasil não são nada recorrentes. Por si só, esta adversidade, a de investir em um campo pouco explorado em nosso País, tornou esta pesquisa um desafio e, ao mesmo tempo, um estímulo. Mas de quais fluxos exatamente estamos falando?

Esta dissertação propõe-se a estudar o fluxo de informações midiáticas entre diferentes regiões no Brasil. A comunicação internacional, de forma geral, ateu-se a pesquisar o desequilíbrio dos fluxos entre países. Porém, dentro da base teórica que ajudou a formar o campo, muitos autores, como Nordenstreng, alertavam que as distorcidas relações internacionais mapeadas entre diferentes nações poderiam se reproduzir de maneira praticamente idêntica dentro de países cuja vastidão e diversidade econômica, social e cultural propiciassem tais condições.

Desse modo, chegamos ao Brasil. Nosso objetivo principal será mensurar qual o nível de desequilíbrio do fluxo midiático entre estados com acentuadas diferenças sociais e econômicas, tomando, neste trabalho, a relação entre o Ceará, o eixo São Paulo/Rio de Janeiro e a cidade de Brasília. Por ser se tratar de um Distrito Federal, atípico e único na federação brasileira, trataremos aqui apenas da cidade, que concentra o centro de poder do País.

O meio físico escolhido para a análise de caso foi o jornal impresso, pela importância e difusão do jornalismo em nosso País, mesmo que em uma escala inferior aos meios eletrônicos como a televisão, e a pela tradição que os veículos selecionados carregam consigo. Assim, tentaremos revelar se existe uma forte dependência das mídias de estados mais pobres das informações geradas em estados mais ricos e poderemos diagnosticar a temática predominante nas notícias veiculadas sobre cada região.

Mas seria muito limitador, fixar o eixo desta discussão entre ricos X pobres. Por esta razão, cruzaremos os dados entre as todas quatro regiões pesquisadas através de seus respectivos jornais de maior circulação, descobrindo, por exemplo, qual a relação midiática entre duas regiões proeminentes como Rio de Janeiro e São Paulo.

Acreditamos que o tema é relevante na medida em que se propõe a mapear empiricamente estes possíveis desequilíbrios, através da incidência de notícias sobre os estados pesquisados em quatro grandes jornais, além de servir como base para uma pesquisa mais ampla, levando em conta outras regiões do País.

Obviamente, os meios de comunicação de massa não são a única porta de acesso a diferentes realidades. Entretanto, é inegável que eles possuem, cada vez mais, um papel proeminente nas sociedades contemporâneas. Portanto, um painel mais

diversificado e equilibrado nos fluxos de comunicação pode contribuir para uma melhor compreensão de realidades distantes e distintas.

Como base teórica, nossa pesquisa vai operar em dois caminhos que se completam. O primeiro é entender de onde nasceram e em que estágio atualmente se encontram as pesquisas sobre fluxos midiáticos. Para isso, traçaremos uma revisão bibliográfica do campo da comunicação internacional, partindo dos estudos clássicos, especialmente o *Relatório MacBride*, até chegar aos modelos mais recentes que destacam o caráter multidirecional em tempos globalizados.

Em um segundo momento, vamos nos ater ao campo específico do jornalismo, focando no processo de construção e seleção das notícias, os critérios de noticiabilidade e égide da “objetividade” dentro deste processo. Sem este passeio, nosso trabalho correria o risco de nascer incompleto e manco, afinal, não podemos eleger o jornal impresso como base de pesquisa, sem antes nos certificar de que jornalismo, afinal, estamos falando.

Por último, enfim, passaremos ao estudo de caso, analisando uma semana artificialmente montada no ano de 2007 com quatro jornais: *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Correio Braziliense* (Brasília) e *Diário do Nordeste* (CE). Acreditamos que, desta forma, será possível verificar como o jornalismo brasileiro encontra-se em relação aos fluxos midiáticos inter-regionais e ao processo de seleção de notícias, que ajudam nossa sociedade a construir diferentes representações.

2. FLUXOS E CONTRA-FLUXOS NA COMUNICAÇÃO:

ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Os estudos a respeito dos fluxos e contra-fluxos de informações no universo midiático estão inseridos dentro do que chamamos de pesquisa em comunicação internacional. Isso porque foi dentro deste campo que surgiram historicamente as primeiras pesquisas cujo objetivo era mapear o trânsito de informações no mundo moderno.

Podemos definir a comunicação internacional como o campo que vem estudando a maneira de diferentes países intercambiarem informações, sejam elas de natureza midiática, científica ou econômica. Nas palavras de Marcial Murciano (*apud* Fadul, p. 71), a comunicação internacional “visa conhecer as múltiplas funções dos meios de comunicação de massas: políticas, econômicas e culturais no marco internacional”.

Podemos dizer que as primeiras manifestações na seara da comunicação verdadeiramente transnacionais foram motivadas com a propaganda de guerra durante a Primeira Guerra Mundial, que motivou a difusão de informações em nível global. É importante ressaltar que o desenvolvimento deste campo da comunicação esteve entrelaçado com os conflitos bélicos.

Dentro da academia, a comunicação internacional começa a se efetivar enquanto pesquisa a partir dos anos 1950, após, portanto, da Segunda Guerra Mundial, onde o poder das agências foi essencial para difundir informações como arma ideológica. Kaarle Nordenstreng (1995), um dos pioneiros e mais respeitados pesquisadores da área, dividiu de forma didática a história do que ele chamou de grande debate da mídia internacional da seguinte forma:

1) 1970-75 Ofensiva da descolonização

- a idéia do imperialismo da informação
- o conceito de uma Nova Ordem da Comunicação Internacional

2) 1976-77 Contra-ataque do Ocidente

- estabelecimento do Comitê Mundial de Liberdade de Imprensa
- atraso na Declaração Sobre Meios de Comunicação de Massa da UNESCO
- proposta de um plano Marshall para as Telecomunicações

3) 1978-80 Trégua

- adoção da Declaração sobre Os meios de Comunicação de Massa da UNESCO
- trabalho e relatório da Comissão MacBride
- consenso no conceito da Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação
- estabelecimento do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação

4) 1981-90 Ofensiva do Ocidente

- conferência “Vozes da Liberdade” em Talloires
- saída dos Estados Unidos e do Grã-Bretanha da UNESCO
- demissão do diretor geral da UNESCO, Amadou Mahtar M’Bow
- morte do conceito de uma nova ordem mundial na comunicação

5) 1991- Globalização

- mercados globais X diversidade cultural
- corporações multinacionais X sociedade civil global

A divisão de Nordenstreg é, como dissemos, didática, e serve como uma simples guia, principalmente, para quem não está familiarizado com os estudos no campo da comunicação internacional. Em nossa pesquisa, utilizaremos o *Relatório MacBride* (1980) como principal referência para balizar o histórico do campo.

Fadul nos explica qual o problema central que motivou as primeiras pesquisas na área da comunicação internacional:

Um dos temas centrais na pesquisa sobre comunicação internacional é a questão do fluxo internacional da informação e da comunicação. Sua discussão surgiu em função do protagonismo de agências internacionais de notícias nos Estados Unidos e Europa a partir do século XIX e com mais intensidade no século XX. (FADUL, 1998, pág 76).

Um dos estudos pioneiros e mais importantes que centravam foco, justamente, no problema dos fluxos remonta aos anos 1970 e foi realizado pelo próprio Nordenstreg ao lado de outro pesquisador, Varis (1974). Ambos procuraram identificar o percentual de programação televisiva importada, os formatos e origens desse material. A conclusão apontou para uma circulação internacional de produtos em uma via única (de países mais desenvolvidos economicamente para o chamado Terceiro Mundo), para um domínio de três quartos da produção centrada nos Estados Unidos e para uma concentração de compras em produtos ligados ao entretenimento.

De certa forma, os resultados desta pesquisa nortearam o debate que se acalorou durante a década de 1970 sobre a dependência das mídias de países mais pobres e periféricos de países dominantes no cenário internacional, especialmente no terreno da mídia audiovisual. O cenário apontava para uma resistência ante um mercado global de comunicação hegemônico, concentrado e com fluxos desproporcionais entre os países.

Na esteira deste discurso, estava, ainda, uma crítica que alertava para a possibilidade de que este quadro de dependência pudesse contribuir para uma espécie de

dominação ideológica embutida nos fluxos comunicacionais e uma padronização exacerbada dos produtos midiático.

Como nos alertava Hamelink:

O processo de sincronização cultural implica que um tipo particular de desenvolvimento no país metropolitano se comunica persuasivamente com os países receptores. A sincronização cultural requer que o tráfego de produtos culturais vá massivamente em uma só direção, de um modo sincrônico. A metrópole oferece o modelo com que os grupos receptores se sincronizam. Todo o processo local de criatividade social e cultural é envolto na confusão ou definitivamente destruído. Aspectos únicos no espectro dos valores humanos, que vêm se desenvolvendo durante séculos, desaparecem rapidamente (HAMELINK, *apud* KUHN, 2005, pág 18).

Entretanto, neste contexto, faltava uma pesquisa que pudesse dar conta do problema em termos globais, e não apenas de realidades regionais, e sinalizasse propostas para reverter ou amenizar o quadro. É neste sentido que, durante os anos 1970, a UNESCO, uma agência da ONU (Organizações das Nações Unidas), inicia sua atuação como catalisadora de tensões entre países e financiadora do projeto que viria marcar o campo da comunicação internacional.

Em 1977, durante a Conferência Geral da UNESCO, surgiram os indícios mais fortes de que era necessário avaliar o estado do intercâmbio cultural e midiático entre países. A solução encontrada foi formar uma comissão, intitulada Comissão Internacional Para o Estudo dos Problemas da Comunicação, composta por 16 especialistas de 16 países.

A comissão trabalhou por três anos e publicou seu relatório de mais de 300 páginas em 1980 sob o título de *“Many Voices, One World: Towards a new more just and more efficient world information and communication order”*. Como o presidente da comissão formada na UNESCO era o irlandês Sean MacBride, o documento em si passou a ser conhecido como o *Relatório MacBride*. Por ter sido um divisor de água nos

estudos da comunicação internacional e marcar o que podemos chamar de primeira fase nas pesquisa do campo, o trabalho da UNESCO merece ao nosso ver uma análise mais detalhada. É o que passaremos a fazer a seguir.

2.1 O Relatório MacBride, os fluxos e a democratização da informação

O objetivo primário do *Relatório MacBride* não era lá muito modesto: “estudar a totalidade dos problemas de comunicação nas sociedades modernas”. O próprio Sean MacBride reconheceu no prefácio da pesquisa que tal tarefa era impossível. O importante, segundo ele, era apresentar o quadro mais amplo possível sobre os debates entre o fluxo dominante de informações de países industrializados para países sub-desenvolvidos (nos termos da época) e a defesa da livre circulação destas mesmas informações. Para isso, era necessário se concentrar não apenas na questão das notícias em si, mas também se ater a uma perspectiva mais ampla de cunho histórico, político e social.

Podemos reunir em três linhas os principais aspectos da comunicação internacional diagnosticada pelo *Relatório MacBride*: 01) A enorme concentração da capacidade de produzir, circular e consumir produtos de comunicação em poucos países no cenário internacional, assim como em poucas regiões dentro de alguns países. 02) A existência de uma grande disparidade mundial, nacional e regional nos fluxos de informação, predominantes no sentido único ricos > pobres. 03) a forte transnacionalização do setor, uma das principais características do que chamamos hoje de globalização.

A concentração dos meios e o fluxo unidirecional são exaustivamente tratadas pelo relatório. Podemos resumir ambos os fenômenos nesta passagem:

The critics from the developing countries have found by experience that the theory of “free flow” is invalidated by the overwhelming preponderance of information circulated from a small number of industrialized countries into the huge areas of the developing world. In order to be really free, information flows have to be two-way, not simply one direction. The concentration of news agencies, telecommunication facilities, mass media, data resources, manufacturers of communication equipment in a small number of highly developed countries does, in fact, preclude any change of a free flow between equals, a democratic exchange among free partners. (MACBRIDE, 1980, p. 142).

De um modo geral, o *Relatório MacBride* não se limitava a informações midiáticas em si. O escopo do trabalho alertava também para o desequilíbrio quando se tratava de meios científicos, técnicos e comerciais. Para os pesquisadores da UNESCO, “importantes eventos e valiosas conquistas (científicas, econômicas ou culturais) são frequentemente desconhecidas, apenas porque acontecem em países menores ou em áreas que não atraem a atenção do mundo”. (MACBRIDE, 1980, p.145).

O relatório afirma que cerca de 80% das notícias que circulavam no mundo no período vinham de apenas três cidades: Londres, Nova York e Paris. Apesar de registrar a escassez de estudos empíricos que ajudem a quantificar os desequilíbrios nos fluxos, situação que permanece praticamente inalterada no campo dos estudos de comunicação internacional até hoje, o trabalho da UNESCO também estima que as agências internacionais destinam algo entre 10% e 30% do seu espaço para assuntos que envolvam países em desenvolvimento. Estes, por não disporem de correspondentes internacionais, dependem quase que inteiramente das notícias produzidas pelas grandes agências globais (Reuters, Associated Press, entre outras).

O quadro apresentado pela pesquisa no campo da comunicação reflete uma situação de desequilíbrio instituída em outros campos como o econômico. Esta passagem resume bem o problema:

But seen broadly, the one-way flow in communication is basically a reflection of the world's dominant political and economic structures, which tend to maintain or reinforce the dependence of poorer countries on the richer. A report on many spheres of industrial trading relationships would present a similar picture. But we must stress again that communication is not an industry like any other. It intimately affects the psychological and social frame work within which men and women lead their lives. (MACBRIDE, 1980, P. 148).

Podemos abordar de outra forma o que *Relatório MacBride* tenta nos apontar aqui e talvez iniciar uma breve tentativa de atualizar a questão. É inegável que os meios de comunicação tornaram-se durante o século passado uma importante janela de acesso ao mundo em que vivemos. Obviamente, eles não são nossa única janela. Porém, acreditamos ser razoável afirmar que, devido ao modo cada vez mais presente de como as diferentes mídias medeiam a nossa experiência social, aquilo que é excluído ou torna-se rarefeito nos noticiários tende a formar, em nosso imaginário, visões distorcidas ou a não formar visões quaisquer.

Ou seja, para a comissão da UNESCO, a ausência ou a mínima quantidade de notícias sobre o “Terceiro Mundo” na agenda midiática de países industrializados ajudaria a construir representações distorcidas, quando não construísse representação alguma, já que estes temas eram simplesmente ignorados. No segundo capítulo, sobre jornalismo e noticiabilidade, retomaremos e exploraremos mais esta questão, que nos parece uma das principais em nossa pesquisa.

Dentro de seus objetivos iniciais, o trabalho da UNESCO tentava apontar possíveis soluções para os *problemas encontrados no campo dos fluxos de comunicação*

global. O *Relatório MacBride* encerra com 82 sugestões dirigidas a governos, organizações internacionais, jornalistas, pesquisadores e grupos sociais.

É impraticável reproduzir aqui tais sugestões. Portanto, para este trabalho, basta identificar que, em linhas gerais, as recomendações apontavam para: o reconhecimento da comunicação como um serviço diferenciado e estratégico; a melhoria nos sistemas de comunicação em países em desenvolvimento; estabelecimento de agências regionais e locais; abertura de negociações entre países para o desenvolvimento de políticas de comunicação conjuntas; expansão de formas não-comerciais de informação; fortalecimento das funções sociais da mídia; mudança nos paradigmas de seleção das notícias a ponto de permitir um acesso mais diversificado a notícias de diferentes regiões do mundo.

As críticas ao *Relatório MacBride*, em geral, seguem duas fronteiras. Uma diz respeito ao exacerbado peso político do texto. Nas palavras de Nordenstreng:

On the other hand, we have to admit – today more than in 1980 – that it (The Macbride Report) carried quite a lot of political weight and came to signify the global movement towards democracy and equity in communication spurred on by the decolonisation offensive of the early 1970s. (NORDENSTRENG, 2005, p. 45).

O teor político do relatório, portanto, adotava uma posição alinhada com os movimentos pós-coloniais e o combate ao “imperialismo cultural”. Ele propunha uma Nova Ordem da Comunicação, com fluxos negociados e um maior protagonismo de regiões periféricas no cenário da comunicação internacional, entretanto, ignorando que papel e força teriam os receptores neste novo processo.

Outro ponto do relatório costumeiramente criticado por muitos pesquisadores é que o relatório subestimou um fenômeno em seu estágio inicial e que, ironicamente, relacionava-se com o “*one world*”, proposto em título:

A retórica contemporânea sugere que nós vivemos em um mundo unitário no qual espaço e tempo entraram em colapso e a experiência de distância implodiu para sempre. Os blocos antagonistas do Leste e Oeste estão dando lugar para mercados, moedas e mídias internacionais. (MOHAMMADI, *apud* FADUL, 1998, p. 73)

Isso significa dizer que o processo de globalização das mídias e da cultura estava intimamente ligado ao processo de globalização das economias. A aceleração destes fenômenos levou, a partir dos anos 1980, a uma reestruturação e diversificação da mídia em todo mundo. Neste modelo, as corporações transnacionais, alavancadas pelo vetor econômico, tornaram-se as estrelas da Nova Ordem da Comunicação e eram proeminentes no “mundo único”, imaginado por MacBride e sua equipe. Ajudados pelo processo de desregulamentação do setor, surgiram novos conglomerados e *players* globais, que passaram a produzir e veicular produtos em escala planetária de uma maneira, até então, desconhecida.

Também durante os anos 1980 e, principalmente, a partir de 1990, pesquisadores de diferentes países começaram a evidenciar um movimento que iria na direção contrária do fluxo unidirecional diagnosticado e criticado pela UNESCO no *Relatório MacBride*. Os mercados regionais e locais em países e continentes periféricos registraram um desenvolvimento maior, acompanhando uma expansão na preferência de seus públicos para produções próprias. Na análise de Thussu, “in the era of globalization, the one-way vertical flow has given way to multiple and horizontal flows, as subaltern media content providers have emerged to service an ever growing geo-cultural market” (2006, p. 20).

Países como Brasil, Austrália, México, Canadá e Índia passaram a exportar conteúdos, especialmente televisivos, para países anteriormente exportadores, invertendo o sentido de fluxo anterior:

“Os mercados globais tradicionalmente dominados pelos americanos são agora ameaçados de uma forma séria por empresas como Televisa, no México, Clarín, na Argentina, Cisneros, na Venezuela, e Globo, no Brasil, os quais não somente dominam seus mercados domésticos, mas se tornam grandes exportadores para o resto da América Latina, para Europa e para os EUA mesmo, explorando fatores geo-linguísticos para aumentar sua participação no mercado global (HERMAN e MCCHESENEY, *apud* FADUL, 1998, pág 82)

Acreditamos que a palavra “ameaçado” seja um pouco exagerada para definir a relação do mercado norte-americano com o novo quadro destes contra-fluxos. A pesquisa de José-Carlos Lozano (2005) mostra que, em alguns gêneros (filmes, séries, *sitcoms* e desenhos animados), a hegemonia dos EUA está longe de ser ameaçada, chegando a 72% em alguns destes segmentos na América Latina. Para ele, as razões podem ser de ordem econômica, já que alguns produtos são demasiadamente caros e perdem em ganho de escala, evitando que as mídias locais invistam na produção própria de determinados gêneros.

De uma maneira geral, muitos pesquisadores têm apontado o crescimento de contra-fluxos “subalternos” na geografia de redes formada pela comunicação globalizada, muito em parte pela explosão de imigrantes em trânsito. Atualmente, a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que existam cerca de 200 milhões de pessoas nestas circunstâncias. O advento da Internet também trouxe novos paradigmas, com rádios, jornais e TVs sendo livremente consumidos em qualquer parte do mundo em diferentes línguas e bandeiras.

Redes de TV como a Al-Jazeera, centros de produção cinematográfica como a Bollywood indiana e a transnacionalização das novelas latino-americanas dão mostra de que os fluxos midiáticos têm se tornado mais híbridos e múltiplos, diferentemente da realidade diagnosticada pelo *Relatório MacBride* há 28 anos.

Entretanto, não se pode tomar tais fenômenos como o advento de um mundo extremamente democrático e plural no campo da comunicação. Thussu faz uma importante ressalva nesse sentido:

These prominent examples of “subaltern” and “geo-cultural” medial flows may give a false impression that the world communication has become more diverse and democratic. A careful analysis of the reality of global media flows and contra-flows demonstrates a more complex process, however. The imbalance between the “dominant” and the “subaltern” and “geo-cultural” global media flows reflects the asymmetries in flows of ideas and goods. Despite the growing trend towards contra-flow as analysed in this book, the revenues of non-Western media organizations, with the exception of Japanese animation, are relatively small and their global impact is restricted to geo-cultural markets or at best to small pockets of regional transnational consumers. (THUSSU, 2006, p. 27).

Vimos até aqui como os estudos dos fluxos e contra-fluxos midiáticos se localizam dentro da pesquisa em comunicação. Como afirmamos no início, este caminho nos levará ao microcosmo da situação em nosso País continental, povoado de disparidades econômicas e sociais. Qual a realidade do nosso jornalismo impresso em relação às tendências mundiais de fluxo midiático? Predominância de regiões mais desenvolvidas ou descentralização de temas e fluxos?

Antes de passarmos à análise empírica de nosso recorte, precisamos avaliar, afinal, de que jornalismo estamos falando. Se as notícias não são um mero espelho do mundo tal qual o conhecemos, como elas são construídas? Que critérios são usados e o que podemos dizer sobre a objetividade neste processo? Passaremos agora a analisar o contexto em que trabalharemos a noção de jornalismo nesta pesquisa.

3. O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO, A “OBJETIVIDADE”

E OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Podemos afirmar que, ao longo de sua história moderna (a partir da segunda metade do século XIX), o jornalismo teve como principal estratégia a ideologia da objetividade. O desenvolvimento do código de objetividade jornalística está associado ao aumento do status de intérprete da realidade, ou seja, quanto mais “objetivo”, mais autorizado a proferir um discurso sobre o real.

Se lembrarmos da primeira sistematização teórica da atividade jornalística, a Teoria do Espelho, veremos que a imprensa apenas reflete a realidade e o mundo como ele se coloca. É a premissa do jornalista enquanto mediador desinteressado. Sua missão é informar, procurar a verdade e relatar o fato como ele *realmente aconteceu*.

O desenvolvimento desta visão ou desta ideologia da objetividade está atrelado ao próprio desenvolvimento do jornalismo enquanto indústria, um longo processo que se estende durante o século XIX e se solidifica no século XX. De maneira geral, este processo desencadeou a separação entre fatos e opiniões, ou seja, o jornalista deve ser um observador fiel da realidade, evitando impressões pessoais.

Este paradigma do jornalismo de informação desenvolveu-se junto à profissionalização do meio e conferiu a credibilidade necessária a uma indústria em desenvolvimento. É interessante notar que, em linhas gerais, é esta a visão que predomina no jornalismo ocidental até hoje. Basta lembrar a eterna obsessão na separação de fatos e opiniões¹.

¹ Em setembro de 2006, o New York Times lançou um novo projeto gráfico polêmico que propõe a separação entre fatos e opiniões. Matérias “informativas” permanecem em colunas justificadas. Matérias de cunho “opinativo” aparecem como colunas alinhadas à esquerda.

Atualmente, é razoável considerar que aquela sistematização continha problemas em demasia. Abandonando a visão do espelho por uma análise mais complexa da atividade jornalística, uma teoria mais contemporânea, como a do *newsmaking*, defende a tese de que o jornalismo não reflete a realidade, mas sim, ajuda a construí-la. O processo de construção da notícia é complexo e leva em consideração diversos critérios, como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, audiência, rotinas de produção, entre outros.

Para a teoria construcionista, a atividade jornalística é interativa, dependendo tanto das rotinas produtivas e das escolhas dos jornalistas como também de demandas sociais, econômicas, culturais e históricas, entre outras. Os teóricos Schudson e Shoemaker & Reese propuseram seis tipos de ações que interagem no processo de construção das notícias: pessoal, social, ideológica, cultural, meio físico e histórica.

É importante ressaltar que, ao rejeitar completamente a teoria do espelho, os construcionistas não afirmaram que as notícias fossem ficcionais. Para eles, o jornalismo encontra seu referencial na realidade, apresentando-a em uma grade fragmentada e particular, ou seja, os acontecimentos a serem transformados em notícia oferecem um ponto de partida para que sejam construídos enquadramentos (*frames*) midiáticos.

Esse processo sugere, portanto, diferentes visões do que “realmente” aconteceu: “A instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo”.

(CHARAUDEAU, 2006, p. 151). Bird e Dardenne complementam:

Considerar notícias como narrativas não nega o valor de as considerar como correspondentes da realidade exterior, afetando ou sendo afetadas pela sociedade, como produto de jornalistas ou da organização burocrática, mas introduz uma outra dimensão às notícias, dimensão essa na qual estórias de

notícias transcendem as suas funções tradicionais de informar e explicar. (in TRAQUINA, 1993, pág 265)

A questão da objetividade também foi problematizada pelos construcionistas. Tuchman, em seu célebre trabalho, “A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas”, classificou os rituais jornalísticos, dentre eles a máxima de ouvir os dois lados, mais como uma estratégia de blindagem e proteção, do que um meio objetivo e imparcial de retratar a “verdade dos fatos”.

Ao narrar o modo como a “objetividade” veio a definir o jornalismo americano, e, por conseguinte, o nosso jornalismo, Mindich questiona:

É impressionante como anos após a consciência ter sido dificultada por Freud, a observação problematizada por Einstein, a perspectiva desafiada por Picasso, a escrita desconstruída por Derrida, e a “objetividade” ter sido abandonada por praticamente todos fora das redações, “objetividade” é ainda o estilo de jornalismo adotado ou rejeitado por nossas reportagens escritas e televisionadas. (MINDICH, 1998, pág 05).

Gans, em seu estudo *Deciding what's news*, comenta a complexa relação entre objetividade, valores e ideologia dentro da prática jornalística. Para ele, jornalistas tentam excluir valores conscientes através da objetividade e da rejeição da ideologia, mesmo que não haja garantias de sucesso nesta empreitada.

Jornalistas lembram outras disciplinas e profissões empíricas em sua meta de ser objetivo: para ser livre de valores e ideologias, eles praticam a exclusão de valores. Obviamente, objetividade é em si um valor, mas jornalistas tentam excluir valores no sentido estrito do termo: como posições preferências sobre o País e a sociedade. (GANS, 1979, p. 182)

Ainda para Gans, a inclusão de valores na prática jornalística acontece através dos valores permanentes, como a idéia de democracia e a liberdade de expressão, por exemplo, e através de linhas editoriais que expressam opiniões de maneira mais clara do que outros meios, como a revista Times e, no caso brasileiro, a Veja.

Se a realidade objetiva é a algo inatingível, não podemos esperar que o jornalismo ou qualquer outro campo, até mesmo as ciências “exatas”, a traga em uma bandeja de prata. A idéia de um mundo visto sem filtros humanos é por demais problemática. Se Kurt Gödel e o seu clássico Teorema da Incompletude demonstram como até mesmo a inabalável matemática pode ser contraditória e relativa, porque acreditar que o processo de construção das notícias seja uma seara equilibrada e imparcial?

O que as mídias podem e fazem é mediar uma construção do real, utilizando diversos filtros, práticas e rituais. Talvez, o que um caminho coerente para o jornalismo é esclarecer aos seus leitores que tipos de filtros são utilizados e as razões de como e porque eles são utilizados. Desta negociação aberta, talvez tivéssemos um terreno mais sólido e menos ambíguo.

Sabemos que o universo da informação é um universo construído. Está longe de ser o reflexo puro e simples do que acontece no espaço público, e sim, fruto de um complexo processo de construção motivado, dentre outros fatores, por critérios de seleção. Muitas vezes, estes critérios de seleção tendem a salientar o insólito, o misterioso, o trágico. Como nos indica Charaudeau, “o acontecimento é selecionado em função de seu potencial de saliência, que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem”. (2006, p. 141).

Outros teóricos, como Gomes (2004), enxergam nos critérios de noticiabilidade praticados pelo jornalismo contemporâneo um exemplo do processo de aproximação ou unificação dos produtos da indústria do entretenimento e da informação. A idéia do

*infotainment*² demonstra como a cultura industrial e a indústria da informação têm como meta fundamental ganhar audiência, cativar a atenção pública e fixar clientela.

Colocando de uma maneira mais clara nas palavras de Wilson Gomes:

O fato é que os parâmetros de seleção, de organização e de apresentação da informação tendem a responder aos mesmos princípios que há algum tempo vêm sendo identificados como estruturadores da comunicação de massas: o entretenimento, como base de referência, a ruptura, a diversão e a dramaticidade como seus subsistemas. (GOMES, 2004, p. 313)

Sem fazer um grande esforço, podemos hoje enxergar exemplos claros desta fusão no jornalismo praticado por algumas mídias. O gosto pela tragédia, pelo drama, pela notícia de “interesse humano”, pelo que “vende jornal”. É a exigência dramática da cultura midiática que tem, sem dúvida, influenciado diretamente o modelo de organização da notícia.

Mesclando as idéias de Charaudeau com as de Gomes, podemos chegar a um quadro para tentar responder por que e quando certos assuntos viram notícias. Traquina nos dá um belo exemplo de sua terra, Portugal, explicando a partir da concentração das notícias sobre a capital, Lisboa:

“O resto do País é notícia, como os países de Terceiro Mundo, quando há desordem: desordem natural (cheias, por exemplo), desordem tecnológica (acidentes), desordem social (distúrbios ou corte de estradas) e desordem moral (crime). O resto do País também é notícia quando serve de palco para as deslocamentos das autoridades institucionais, como o Presidente da República, o Primeiro Ministro e os ministros”. (TRAQUINA, pág 4, 1988).

O relato deste autor, sem dúvida, tem estreita relação com o que veremos mais adiante na análise de caso a que se propõe esta dissertação. Entretanto, por agora, precisamos nos ater melhor a respeito dos critérios de noticiabilidade. Na busca de uma

² *Infotainment* é um neologismo em inglês que combina as palavras *information* e *entertainment*. Trata-se de um estilo de jornalismo que combina a idéia de informação aliada ao entretenimento ou diversão. Apesar de mais comum no meio televisivo, este tipo de jornalismo há muito migrou para jornais e revistas.

análise mais didática sobre os valores notícia, julgamos o trabalho de Mauro Wolf, em seu *Teorias da Comunicação*, como o mais apropriado ao nosso estudo.

Que imagem de mundo nos fornecem os noticiários? Para Wolf, responder esta pergunta passa pelos critérios de importância e pelos valores notícia que norteiam a seleção dos assuntos e fatos feita pelo jornalismo. Esta seleção opera em dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos.

Podemos entender o primeiro limite como:

Um inextricável emaranhado de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos mass media e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção. A ideologia traduz-se, pois, numa série de paradigmas e de práticas profissionais adotadas como naturais. (GARIBALDINO, *apud* WOLF, 1995, p. 170).

O mesmo Garibaldino oferece a definição relativa à organização do trabalho e dos processos produtivos, o segundo limite dentro dos quais opera o processo de seleção das notícias:

Por outro lado, há as restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição de notícia, legitimam o processo produtivo, desde a utilização de fontes, até a seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção, e contribuem para se precaver contra as críticas do público. (GARIBALDINO, *apud* WOLF, 1995, p. 170).

A noticiabilidade, portanto, pode ser definida como os pré-requisitos que se exige de um fato, tema ou acontecimento, tanto do ponto de vista da estrutura de trabalho dos órgãos midiáticos como dos profissionais que neles operam (jornalistas), para existir enquanto notícia.

Dentro deste processo, os critérios de relevância ou valores notícia têm peso direto. Wolf os divide em quatro pressupostos:

1. características substantivas das notícias, ou seja, seu conteúdo;
2. disponibilidade do material e critérios relativos ao produto informativo, ou seja, é possível apurar e escrever a notícia? Há disponibilidade de tempo, espaço e pessoal?
3. o público e a imagem que os veículos e seus profissionais têm dele;
4. a concorrência, ou seja, se ninguém dá atenção a este assunto ou fato particular, porque daríamos? Ou do contrário, se todos se interessam por este tipo de notícia, por que nós não?

Devemos aprofundar, ainda, estas questões. Alguns autores definem notícia como aquilo que altera a rotina, as aparências normais, reforçando o caráter espetaculoso dos noticiários, em uma tendência do jornalismo de registrar o extraordinário e deixar de lado o ordinário. Por hora, este apanhando entre o *newsmaking*, os critérios de noticiabilidade e a descrença na objetividade como espelho do mundo nos é suficiente.

Devemos ressaltar que, ao tentar explicar porque as notícias são como são, distribuindo vetores de força diversos e relativizando a máxima da “objetividade”, os construcionistas enxergaram no jornalista apenas uma peça entre tantas da engrenagem. Uma peça fundamental, sem dúvida, mas relativizada em seu suposto poder quase divino de moldar o mundo.

Mesmo que academicamente, os recentes estudos de jornalismo apontem para uma forte influência do *newsmaking*, o código da objetividade jornalística ainda é um pêndulo forte nas discussões sobre a atividade, principalmente no ponto de vista daqueles que a exercem: os jornalistas.

Mindich reforça a discussão, lembrando que o jornalismo vem perdendo o que ele chama de “monopólio sobre a realidade”:

Uma explosão de novas mídias tem ameaçado a elite, jornalistas “objetivos. Com tantos contadores de histórias e com muitos deles abandonando o modelo de informação de notícias objetivas, jornalistas são chamados mais uma vez para se definir. Não é surpresa que a natureza das notícias e a “objetividade” devesse reemergir como um tema tão importante para a profissão. (MINDICH, 1998, p. 139)

Alguns autores vêm, portanto, se questionando de como a prática jornalista possa se livrar das amarras da objetividade. Para eles, enquanto mais informação é transmitida sob novas mídias, talvez haja para os jornalistas um espaço maior do que apenas servir de um pretense espelho passivo da realidade.

Os críticos do modelo de apreensão “objetiva” da realidade através das técnicas clássicas de distanciamento, pirâmide invertida e “imparcialidade”, acusam os jornalistas de contar sempre as mesmas histórias e de maneiras idênticas. O modo como uma possível mudança possa ocorrer, e até mesmo, se ela deva ocorrer, vem gerando estudos e pesquisas dentro das alas mais modernas das teorias do jornalismo.

Se a maneira de fazer jornalismo vai mudar com o advento da internet ou mesmo com a adoção de outras maneiras de se informar, talvez os próximos anos nos ofereçam respostas mais claras. Este, entretanto, não é o objetivo central de nossa pesquisa. Iniciamos pelo contexto da comunicação internacional e dos fluxos midiáticos, passamos pelo jornalismo e o modo como funciona o processo “objetivo” de construção e seleção das notícias, para chegarmos ao nosso estudo de caso. Passaremos agora a analisar em que estágio se encontra o jornalismo impresso brasileiro em relação aos temas levantados até aqui, especialmente no que diz respeito à representatividade de

diferentes regiões do País, a suas diferentes incidências e a maneira como são apresentadas nos quatro veículos selecionados.

4. QUATRO ESTADOS, MÚLTIPLOS FLUXOS E UMA METODOLOGIA

Em nosso estudo de caso, utilizaremos quatro jornais como espelho do fluxo de informações midiáticas dentro do jornalismo impresso brasileiro: *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Diário do Nordeste* e *Correio Brasiliense*. A *Folha de S. Paulo* e *O Globo* são os dois jornais de maior circulação do País, com tiragem média superior a 250 mil exemplares, portanto, têm um caráter nacional e por isso foram escolhidos para a pesquisa.

O *Correio Brasiliense* é o jornal de maior prestígio e circulação da capital federal, além de possuir significativa penetração em outros pólos. Por ser o principal jornal de Brasília, centro de Poder do País, o *Correio* acaba sendo também um jornal de caráter nacional, apesar de não possuir a amplitude de *Folha* e *Globo*.

Já a escolha do *Diário do Nordeste* deve-se a dois fatores. É o jornal de maior circulação do Ceará (o *Diário* alterna-se com o jornal *A Tarde*, da Bahia, como líder em circulação na região Nordeste), um estado reconhecidamente menos desenvolvido. Além disso, o pesquisador pretende utilizar-se do conhecimento de ter trabalhado no periódico em questão como aspecto facilitador para o trabalho.

Para a análise dos jornais, utilizaremos o conceito de “semana artificial” de Martin Bauer e George Gaskell (2002), assim poderemos montar uma amostragem representativa dos jornais pesquisados. O domingo será excluído da pesquisa por representar uma edição extraordinária no jornalismo diário, já que é fechado com bastante antecedência e circula no sábado. Teremos, portanto, seis dias de quatro volumes cada, totalizando 24 edições.

Segundo o pesquisador americano G.H. Stempel (in BAUER), 12 edições selecionadas aleatoriamente de um jornal diário fornecem uma estimativa confiável do

perfil de suas notícias anuais. Uma amostra pequena, sistematicamente selecionada, constitui uma base de trabalho melhor do que uma grande amostra de materiais escolhidos a esmo.

O que Stempel fez foi analisar grupos de 6, 12, 18, 24 e 48 números de um jornal durante um ano e depois comparar os resultados obtidos com os resultados do universo completo: as edições de um ano. Como não encontrou conclusões muito diferentes entre os dois escopos, ele concluiu que uma amostra de 12 edições seria suficiente para conseguir um recorte representativo do perfil das notícias anuais de um jornal.

Partindo desta base, nossa semana artificial foi montada da seguinte forma. Escolhemos uma segunda-feira ordinária do primeiro semestre: 02 de abril de 2007. A partir daí, coletamos as edições da terça-feira da semana seguinte, depois a quarta-feira, e assim sucessivamente até fechar os seis dias. Começamos a coleta em abril e terminamos no dia 12 de maio, fugindo de quaisquer períodos extraordinários como o Carnaval e a Semana Santa, que pudessem oferecer uma amostragem não representativa do cotidiano jornalísticos nestes periódicos.

De posse do material, codificamos o conteúdo sob os seguintes parâmetros:

- Origem da notícia por região (Estado).
- Origem da notícia por fonte (Material próprio, agência, correspondente, etc).
- No caso das notícias envolverem os Estados em questão (Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e o Brasília), codificar o assunto principal da notícia.
- Estabelecer números por editoria.

Foram consideradas para a pesquisa apenas as matérias de cunho informativo, desconsiderando o material de cunho opinativo. Essa redução do nosso escopo possui

duas razões. A primeira diz respeito ao curto prazo de dois anos para a conclusão do trabalho. A segunda está relacionada com o próprio fazer jornalístico, já que as notícias é que dão base para as opiniões expressadas no veículo.

Sabemos que esta proposta é meramente didática, já que os debates em torno da distinção entre opinião e informação no jornalismo seriam por si só suficientes para uma extensa abordagem teórica. Não é este o nosso objetivo. Por isso mesmo, simplificaremos essa questão através da sistematização proposta por José Marques de Mello (2003). Para este autor, os gêneros jornalísticos da categoria informativa são: nota, notícia, reportagem e entrevista. Serão estes os gêneros que consideraremos para nossa pesquisa.

É interessante partir de dados econômicos para balizar nosso estudo sobre como dos desequilíbrios midiáticos se relacionam com desequilíbrios econômicos. Para isso, é importante registrar o volume de riquezas (bens e serviços) produzido por cada estado segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2005 (dado mais recente). De acordo com os dados desta pesquisa, São Paulo possui 33,9% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Este patamar permanece praticamente inalterado nos últimos anos (era de 34,6% em 2002). O Rio de Janeiro corresponde a 11,5%, o Distrito Federal a 3,8% e o Ceará a 1,9%. Segundo o IBGE, os sete estados brasileiros mais ricos correspondem a 75% da economia nacional, o que demonstra a extrema concentração de riquezas encontrada em um País continental como o nosso.

Iniciaremos agora a análise do material coletado com 24 edições dos jornais *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense* e *Diário do Nordeste*. Ressaltamos que o nome das editorias selecionadas varia de acordo com cada veículo e estarão destacadas ao longo do texto.

4.1 Segunda-Feira (2/04/2007)

1) Folha de S. Paulo

Neste dia, a Folha trouxe em sua editoria chamada **Brasil**, que cuida de assuntos de política, 10 matérias ao todo. Deste total, sete (70%) vieram de Brasília, assinadas pela sucursal que o veículo mantém naquela cidade. Entre as sete matérias, cinco (três como manchete de página) tratavam de irregularidades, suspeitas e investigações sobre fraudes em algum nível da administração federal, enquanto as outras duas eram sobre assuntos corriqueiros como nomeações de cargos ou reuniões ministeriais. Os demais estados (Rio e Ceará) não foram mencionados nesta editoria.

Já a editoria **Dinheiro**, que versa sobre negócios e economia, trouxe nove matérias, das quais três eram de Brasília, assinadas pela sucursal. Todas em torno de decisões do Banco Central e do Ministério da Fazenda. A seção **Cotidiano** continha sete matérias. Duas de Brasília e uma do Rio, mas todas, em manchete de página, sobre a crise aérea nos aeroportos brasileiros. Finalizando, a seção **Esportes** trazia 12 matérias e apenas uma citava o Rio. Tratava do jogador Romário e sua busca pelo milésimo gol no Vasco da Gama. As demais editorias do jornal não fizeram referência ou foram enviadas dos locais pesquisados em nossa dissertação. Registramos que todas as matérias do jornal que vieram do Rio e de Brasília eram assinadas por equipes próprias do veículo.

2) Correio Braziliense

Nesta edição, o jornal trouxe na editoria **Política**, sete matérias. Duas vinham de São Paulo e não traziam crédito algum, dificultando o registro sobre quem produziu as

reportagens (agência ou correspondente). Uma tratava sobre o decreto do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, que proibia os feirantes de gritar na capital paulistana. Esta matéria, inclusive ganhou destaque com chamada na capa do Correio. A outra era uma entrevista com um ex-diretor da Abin que vivia “exilado” em São Paulo.

A editoria chamada **Brasil**, com 8 reportagens, trazia duas matérias assinadas pelas pela reportagem local envolvendo Rio e São Paulo, com foco na crise aérea que viviam os aeroportos do País. Já o caderno de **Economia**, trazia pela primeira vez uma matéria citando Fortaleza como um dos exemplos, ao lado de Rio e São Paulo, de cidades onde a má gestão pública acarretava em aumento da carga tributária.

A seção de **Cidades**, com nove matérias, trazia um material especial sobre a invasão da droga Special K em ambientes escolares de Brasília, fato já comum em cidades como Rio e São Paulo. Finalizando, a editoria de **Esportes** do Correio tem grande presença de assuntos do eixo Rio-São Paulo. São 14 matérias, das quais, 49% tratam dos campeonatos estaduais destas regiões. Todo material foi produzidos por agências.

3) Diário do Nordeste

O jornal cearense trouxe em sua editoria **Nacional** 14 matérias, das quais 12 são de Brasília (92%), 1 de São Paulo e outra do Rio. Todas são material de agência. Entre os assuntos da capital federal, estão pautas do Congresso, como recesso, perfil jovem da bancada, projetos de lei envolvendo direitos das mulheres, além de questões executivas envolvendo nomeações, disputas por cargos, aumento salarial de ministros e reivindicações de prefeitos por mais verbas. Cinco deles ganharam destaque como

manchete de página. São Paulo virou notícia através de um acidente aéreo e o Rio pelo caos aéreo.

Na seção chamada **Última Hora**, das seis matérias, três vinham de São Paulo, por agências, e tratavam de protesto de aposentados, o tumulto causado pela apreensão de um animal e invasões do MST em Sorocaba. O Rio surgiu através da eliminação de mais um candidato do reality show da Rede Globo, Big Brother Brasil. Já o caderno de **Esportes**, com 10 matérias, das quais, quatro (40%) eram sobre campeonatos estaduais de futebol do Rio e de São Paulo, vôlei de praia e duatlhon, índice semelhante ao do Correio Braziliense.

A editoria **Negócios** trouxe 15 reportagens. Duas de São Paulo (importados da Páscoa e aumento do imposto do INSS) e duas de Brasília (decisões do STF sobre impostos e recolhimento do FGTS para aposentados). O Rio gerou notícia sobre o caos aéreo e a cobrança judicial das empresas contra o governo. Todo material também vindo de agências.

4) O Globo

O jornal fluminense trouxe na sua edição de segunda, na editoria **O País**, oito matérias, das quais quatro vinham de Brasília, assinadas pela sucursal do veículo. Entre elas, a maioria (três) tinha com foco algum nível de irregularidade (CPI do Apagão Aéreo, Crise do Mensalão e denúncias contra do Governador do Amapá). A outra era sobre cobranças do presidente Lula a seu ministério. São Paulo aparece em duas matérias (principal e coordenada), ambas de sucursal própria, sobre a queda da cidade no índice que mede a qualidade de vida. Brasília aparece nesta mesma pesquisa como a

cidade brasileira mais bem colocada. O estado do Ceará e sua capital Fortaleza não são mencionados.

O caderno de **Economia**, com 10 matérias, traz seis notícias vindas de Brasília, também assinadas pela sucursal. Destas, cinco (quatro manchetes, com destaque) são sobre diferentes aspectos do chamado “apagão aéreo”, que mobilizava os aeroportos do País naquele período, e uma outra sobre a criação da nova Conta Salário. Todas as matérias sobre a crise aérea citavam a situação no Rio e em São Paulo. Já a seção de **Esportes** trouxe 15 notícias. Três de São Paulo (Futebol Paulista, Vôlei de Praia e Vôlei) e uma de Brasília (Campeonato Brasileiro de Basquete). É preciso ressaltar que todo o material produzido fora do Rio, vindo de São Paulo ou Brasília, foi produzido por pessoal próprio do jornal escalado nestas cidades.

4.2 Terça-feira (10/04/2007)

1) Folha de S.Paulo

Na editoria **Brasil**, a Folha trouxe 12 matérias, das quais quatro viam de Brasília, produzidas pela sucursal. Destas, três tinham foco em algum nível de irregularidade ou desvio de conduta (no caso, nepotismo e corrupção). A outra era sobre a cobrança de prefeitos por mais repasses da União. O caderno **Dinheiro**, com 19 matérias, tinha três de Brasília (recursos do FAT, CPMF) e nenhuma de Rio ou Ceará.

Já a seção **Cotidiano**, com 16 matérias, trazia uma extensa cobertura sobre a violência no Rio e o pedido do governador Sérgio Cabral pela presença das Forças Armadas na capital fluminense. Foram 4 matérias feitas pela sucursal do jornal no Rio. Fortaleza aparece pela primeira vez na Folha, com um protesto feito na cidade contra o

ministro da Saúde, José Gomes Temporão, e sua posição pró-aborto. A reportagem é assinada pela correspondente que o jornal mantém na capital cearense. Por último, a editoria de **Esportes** traz uma única matéria sobre os estados envolvidos em nossa pesquisa (o Rio), focando mais uma tentativa do jogador Romário em atingir o milésimo gol.

2) Correio Braziliense

Nesta edição, a seção **Brasil** trazia 7 matérias. Duas vindas do Rio: uma sobre o pedido do governador Sérgio Cabral pela presença das Forças Armadas na capital fluminense e uma outra entrevista com o vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz, repercutindo a questão da violência na cidade. Apenas a entrevista está assinada por um correspondente, já que a outra não traz crédito algum, dificultando precisar se trata-se de material próprio ou de agência. Assim como a Folha, há também uma matéria sobre o protesto feito em Fortaleza contra o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, e sua posição pró-aborto, mais uma vez, sem crédito.

O caderno de **Economia**, com 10 reportagens, trazia uma do Rio (entrevista com o presidente da Transpetro, Sérgio Machado) e outra de São Paulo sobre a queda na cotação do dólar americano, ambas assinadas pela reportagem local. Em **Esportes**, três matérias sobre o Campeonato Carioca e uma sobre o Paulista, todas de agência. Finalizando, o caderno de **Informática** trazia uma matéria de capa sobre novos monitores de computadores, de agência, vinda de São Paulo.

3) Diário do Nordeste

A editoria **Nacional** trazia sete matérias. Chama a atenção que todas elas vêm de Brasília, ou seja, 100% da produção neste dia têm origem na capital federal e foi produzida em sua totalidade por agências. Outro fato interessante é que, em nossa pesquisa, constatamos que o jornal mantém uma sucursal naquela cidade, mas não identificamos sua produção. Entre os assuntos, estão a cobertura de CPIs, reivindicação de prefeitos por mais verbas e a tramitação de projetos no Congresso.

A seção intitulada **Última Hora** trouxe cinco assuntos, dos quais quatro vieram também de Brasília. Ressaltamos que uma delas foi produzida por uma agência não identificada na capital, mas tratava da entrada da TV Digital em Fortaleza. O caderno **Jogada** trouxe três matérias vindas do Rio e uma de São Paulo, com predominância dos respectivos campeonatos estaduais de futebol. Já n Caderno 3 (de cultura), das sete matérias, duas foram produzidas no eixo Rio-São Paulo e focavam no lançamento de filme sobre o compositor carioca Cartola. Finalizando, Negócio trouxe vasta produção (17 tópicos) assim divididos: quatro de São Paulo (valorização do Real, negociação em torno da chamada Emenda 3, crescimento de vendas no comércio e queda do Risco Brasil), um no Rio (assinatura de contratos da Transpetro) e outra de Brasília (projeção de crescimento do PIB). Todas de agências.

4) O Globo

Nesta edição, a editoria **O País** agrupou 17 matérias. Oito produzidas pela sucursal de Brasília. Entre os temas, corrupção, nepotismo, disputa por cargos e a tramitação de projetos no Congresso. São Paulo contribuiu com três matérias e Fortaleza aparece pela primeira vez no Globo com o mesmo protesto feito em Fortaleza

contra o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, assinada por um correspondente *free-lancer*.

No caderno de **Economia**, 14 reportagens, das quais, metade de Brasília. Destaque para a cobertura da tentativa de prorrogação da CPMF, com três matérias. São Paulo aparece uma única vez em material sobre a queda do dólar e do Risco Brasil. As demais seções do jornal neste dia, como Esportes e Segundo Caderno, não traziam qualquer menção aos estados pesquisados neste trabalho.

4.3. Quarta-feira (18/04/2007)

1) Folha de S. Paulo

A edição de quarta-feira da Folha trouxe 17 matérias no caderno **Brasil**, com 10 vendas de Brasília, assinadas pela sucursal. Destas, seis eram baseadas em denúncias de corrupção, pagamento de propina, e a CPI do apagão aéreo. Outras duas, do Rio, tratavam de invasões do MST. A seção Dinheiro tinha 22 matérias, com quatro de Brasília (sobre impostos e a política cambial do Banco Central) e três do Rio (Petrobras, dados do IBGE sobre vendas no varejo e uma fábrica da Peugeot). O Ceará aparece em uma pequena reportagem sobre a queda na tarifa de energia elétrica no Estado.

Na Ilustrada, temos uma entrevista com o cantor Zé Ramalho, feita no Rio. Já na seção Cotidiano, das 16 matérias, cinco são da capital fluminense. Todas sobre a guerra do tráfico na cidade, que no dia anterior, deixou 19 mortos. A cobertura ganhou a capa da editoria e foi feita pela sucursal do jornal.

2) Correio Braziliense

A seção Política é amplamente centrada na cobertura do cotidiano de Brasília. Apenas uma matéria neste dia veio fora da capital federal, no caso, do Rio, sobre a caça a bicheiros paulistas na cidade. Na editoria Brasil, das cinco matérias, apenas uma interessou nossa pesquisa. Era sobre a guerra do tráfico no Rio, sob o título de “Banho de Sangue no Rio: 21 mortos”. O material, apesar de ter sido eleito para a manchete do jornal neste dia, não estava assinado, dificultando a codificação. No caderno de Esportes, 14 reportagens, sendo três do Rio (futebol carioca) e três de São Paulo (times do estado envolvidos na Taça Libertadores).

3) Diário do Nordeste

A seção Nacional, mais uma vez, foi amplamente dominada pelo material vindo de Brasília (seis matérias em um total de sete, todas de agências). Os assuntos variavam desde o estado de saúde do senador Antonio Carlos Magalhães, ações da Polícia Federal e a CPI do Apagão Aéreo. Vinda de São Paulo, uma nota sobre a morte da atriz Nair Bello.

A editoria Última Hora trazia seis reportagens, assim distribuídas: uma Rio (guerra do tráfico), três Brasília (disputa de cargos federais, recursos do FGTS e operação da Polícia Federal) e uma São Paulo (fim da dupla Sandy e Júnior). O caderno de Negócios, geralmente com ampla produção, trazia nesta edição 18 matérias, apenas três não geradas na redação (todas de São Paulo). O Caderno 3 (cultura) trouxe uma reportagem sobre a estréia de uma peça de um grupo teatral carioca na cidade. Finalizado o dia, em Esportes, 15 matérias, com três sobre o futebol do eixo Rio-São Paulo.

4) O Globo

Nesta edição, das 18 matérias em O País, oito foram produzidas em Brasília pela sucursal do Jornal, quase metade do total, sendo que três delas cobriam a CPI do Apagão Aéreo. Uma reportagem tratava de invasões do MST no Ceará.

Já o caderno de Economia, trazia quatro matérias de Brasília (gastos públicos, recursos do FGTS, regulamentação dos prestadores de serviços e a taxa de mortalidade empresas medida pelo Sebrae) e quatro de São Paulo (ações da Polícia Federal sobre doleiros, compra do ABN pelo Itaú, deliberação do Cade e Procon de São Paulo sobre a compra da Ipiranga pela Petrobras). Por último, a seção de Esportes trazia uma ampla entrevista com o piloto de F-1 Felipe Massa, feita em São Paulo.

4.4. Quinta-feira (26/04/2007)

1) Folha de S. Paulo

A editoria Brasil do jornal paulistano trouxe 24 reportagens, com variedade de assuntos: CPI do Apagão Aéreo, discussão sobre licenças ambientais, indicação de novo presidente do Ibama, fraude na Receita Federal, corrupção entre juízes e bingos (Brasília), prisão de bicheiros (Rio) e denúncias de irregularidades pelo Tribunal de Contas na Prefeitura de Fortaleza. Amplo domínio de matéria da capital federal (13, ao todo).

A seção Dinheiro também trouxe muitas matérias nesta edição (26). Mais uma vez, grande concentração de matérias de Brasília (16), com temas indo de pesquisas sobre emprego e desempenho escolar a criação da Super Receita. O Rio aparece com

pesquisa sobre a queda na confiança do consumidor (FGV), indenização da Varig na justiça e a mesma pesquisa sobre desempenho escolar.

Em Esportes, três matérias do Rio: entrevista com Pelé, que dizia temer a realização do Pan na cidade, e duas sobre o fechamento de obras sociais por parte da CBF. Finalizando, o caderno Ilustrada trazia duas matérias do Rio: morte da cantora Carmem Costa e lançamento de um CD de chorinho de Maurício Carrilho.

2) Correio Braziliense

Das seis matérias da seção Brasil, apenas uma focava um dos estados de nossa pesquisa: uma sobre um seqüestro em Campinas, mas sem créditos. Em Esporte, 11 reportagens, das quais, três do Rio (futebol carioca) e três de São Paulo (futebol paulista). Economia e cidades não apresentaram dados ao nosso trabalho. Finalizando, Cultura trouxe uma matéria, feita por enviado especial ao Rio, sobre novo filme de Cacá Diegues.

3) Diário do Nordeste

Nesta edição, a editoria Nacional do jornal cearense foi composta em oito reportagens assim divididas: sete de Brasília (com destaque para cobertura da CPI do apagão aéreo e do julgamento de juízes envolvidos com a máfia dos bingos no STF). Em Última Hora, havia cinco matérias. Três da capital federal, uma do Rio e outra de São Paulo.

Esportes, com 16 matérias, trazia apenas uma sobre o futebol paulista. Negócios, também com 16 matérias, deu destaque a cinco produzidas em Brasília, por agências, cobrindo novas tarifas de importação, criação de empregos formais, a Super Receita e o

crescimento no déficit da Previdência. Do Rio, uma matéria sobre a queda na confiança do consumidor (FGV).

4) O Globo

A editoria O País teve o recorde de notas e reportagens neste trabalho em uma única edição, com 27, ao todo. Oito foram divididas em uma ampla cobertura de uma pesquisa sobre o desempenho escolar entre as diferentes cidades brasileiras (cinco de Brasília, duas de São Paulo e uma de Fortaleza). De todo o material produzido pela editoria neste dia, mais da metade (14) veio da capital federal e outras seis de São Paulo.

A editoria Rio, pela primeira vez em nossa pesquisa, trouxe matérias produzidas fora da cidade. Foram três de Brasília sobre investigações da máfia dos bingos e a posição do governo federal. Já Economia reforçou o domínio de Brasília nesta edição. Das 20 matérias, 12 foram produzidas por esta sucursal. Entre os assuntos, tarifas de importação, crescimento do emprego formal, déficit da previdência e do governo federal, criação da Super Receita, entre outros. Por último, a seção de Esportes, com 11 reportagens, trazia apenas uma sobre as regiões pesquisadas, vinda, mais uma vez, de Brasília, sobre a solicitação de apoio do Congresso Nacional à Copa do Mundo de 2014, feita pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira.

4.5. Sexta-feira (04/05/2007)

1) Folha de S. Paulo

A seção Brasil desta edição trouxe 18 matérias, sete feitas pela sucursal do jornal em Brasília. Três temas dominantes: a CPI do apagão aéreo, a concessão de licenças

ambientais em Roraima e um inquérito da Polícia Federal da chamada Operação Sanguessugas, com desvio de recursos da saúde. Este último assunto também gerou uma reportagem no Rio.

Já a editoria de Cotidiano, com 15 matérias, das quais, três do Rio e, mais uma vez, sobre violência: ação policial em favelas e um seqüestro. Em Esportes, uma reportagem sobre o sistema de venda de ingressos para o Pan do Rio e uma sobre o time de basquete de Brasília. Finalizando, a seção Dinheiro, trazia 24 matérias. Entre as regiões pesquisadas, Brasília aparece cinco vezes (Recursos federais, INSS, Emenda 3 e dívida pública) e o Rio uma (resultado financeiro da empresa Vale do Rio Doce).

2) Correio Braziliense

Em Brasil, encontramos uma matéria do Rio (violência na guerra contra o tráfico) e duas de São Paulo (entrevista com o teólogo Leonardo Boff e a fuga de um criminoso famoso, o Champinha). Na editoria de Economia, das nove matérias, apenas uma vinda de São Paulo, sobre o recorde de alta na Bovespa. Cidades não trouxe referência às cidades pesquisadas, enquanto Esportes trazia três matérias sobre o futebol carioca e outras duas sobre o futebol paulista. Por último, o caderno Cultura apresentou uma reportagem de capa sobre a Mostra Latino-americana de Teatro de Grupo, feita por um enviado do jornal a São Paulo.

3) Diário do Nordeste

A editoria Nacional veio com sete reportagens, todas de Brasília, feitas por agências. Mais da metade delas (quatro) tratavam da CPI do apagão aéreo. Na seção

Última Hora, das quatro matérias, apenas uma veio de Brasília, sobre a repartição de recursos do Fundo de Participação dos Municípios.

A seção de Negócios, a mais ampla do jornal, trouxe 16 matérias, sendo três de Brasília (INSS, recursos do FGTS e queixas sobre a atuação dos bancos) e uma do Rio (sobre a Petrobras). Fechando esta edição, em Esportes, apenas uma nota vinda do Rio, onde um surfista cearense havido vencido uma etapa do Circuito Brasileiro de Surf.

4) O Globo

Em O País, 20 matérias, entre notas e reportagens. Quatro de Brasília (CPI do Apagão Aéreo, projeto sobre comércio de bebidas, Memorial José Sarney), quatro de São Paulo (prisão do criminoso Champinha, posse do novo presidente da CNBB e visita do Papa a Aparecida). Há, ainda, uma matéria de Fortaleza, sem crédito, sobre um golpe aplicado durante o vestibular da Universidade Federal do Ceará, com a prisão de três suspeitos. A seção Rio tinha uma matéria de Brasília, cobrindo a relação de um ministro do Supremo com a máfia dos bingos.

Na editoria de Economia, 12 matérias. Metade de Brasília, mas com auxílio de outras sucursais, como São Paulo. Os assuntos vão desde medidas cambiais do Banco Central a gastos com a Previdência. São Paulo aparece com o lucro da General Motors, repercussão do resultado financeiro da Vale e o crescimento da frota de carros movidos a gás natural. As demais seções do jornal, incluindo Esportes, não traziam referências às regiões aqui pesquisadas.

4.6. Sábado (12/05/2007)

1) Folha de S. Paulo

Em Brasil, 22 matérias, das quais cinco de Brasília, todas da sucursal. O caderno Ilustrada desta edição trouxe uma matéria, entre seis ao todo, feita no Rio sobre uma greve na Funarte. Já em Esportes, a sucursal do Rio produziu duas matérias sobre os jogos Pan Americanos, que seriam realizados na capital fluminense.

A seção Cotidiano, com 23 reportagens, deu destaque ao arquivamento de pedidos de pensão por violência no Rio, com uma matéria principal e duas coordenadas. Outra manchete do Rio tratava da violência no confronto entre policiais e traficantes em uma favela da cidade. Fortaleza gerou uma reportagem, assinada pelo correspondente na capital cearense, sobre a morte de um paciente em sua casa, após o corte no fornecimento de energia elétrica feito pela distribuidora Coelce.

Fechando esta edição, a editoria Dinheiro veio com 24 matérias, entre reportagens e notas. Quatro do Rio (três sobre a Petrobras e uma com a inflação oficial do governo, o IPCA, calculado pelo IBGE) e outras duas de Brasília.

2) Correio Braziliense

Esta edição trouxe um caderno à parte sobre a cobertura da canonização de Frei Galvão, celebrada pelo papa Bento XVI na cidade de Aparecida (SP). Foram oito páginas e 15 matérias assinadas por dois enviados especiais à cidade. Com isso, a editoria Brasil veio apenas com uma matéria envolvendo as demais regiões pesquisadas, no caso, o Rio de Janeiro, mais uma vez destacando a guerra entre policiais e traficantes nas favelas da cidade.

A seção de Esportes trouxe 12 matérias, das quais, três sobre o futebol carioca e duas sobre o futebol paulista, todas de agência. As demais editorias não traziam referência às cidades pesquisadas neste trabalho.

3) Diário do Nordeste

Em Nacional, apenas quatro matérias. Destas, três tratavam da canonização de Frei Galvão, em Aparecida (SP). Pela primeira vez, em nossa pesquisa, encontramos material produzido por um enviado do jornal (duas reportagens). A quarta matéria da editoria veio de Brasília, focando o andamento de CPIs no Congresso Nacional.

A seção Última Hora veio com três assuntos. Duas matérias de Brasília: uma sobre a reação do presidente Lula as críticas do Papa ao governo brasileiro e outra sobre decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) alterando artigos da constituição cearense. A editoria Negócios trouxe duas matérias de agência sobre o lucro da Petrobras, em meio a outras 13 sobre assuntos diversos. No caderno Jogada, apenas uma matéria vindo do Rio sobre o início do Campeonato Brasileiro de 2007.

4) O Globo

Em O País, 13 matérias, das quais, nove produzidas pela sucursal de Brasília. Assuntos diversos: mudanças na legislação sobre greves, auxílio a vítimas de hanseníase, demissão de dirigente do Ibama, TV Pública e distribuição de ministérios entre partidos da base aliada do governo. Fechando a edição, outras três matérias de São Paulo (seqüestro de uma criança na capital, discussão sobre a relação entre o presidente da Câmara Arlindo Chinaglia e a imprensa e o estado de saúde do ex-ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos).

A exemplo do Correio Braziliense, o Globo fez um caderno especial à parte sobre a canonização de Frei Galvão, celebrada pelo papa Bento XVI na cidade de Aparecida (SP). Foram oito páginas, com 13 matérias (11 de São Paulo e duas de Brasília), todas produzidas pela equipe do jornal.

A editoria de Economia fechou com 13 reportagens, das quais quatro de Brasília (Investigações do TCU, divisão de recursos do FAT, ganho de mercado do etanol e o lançamento de uma cartilha do Ibama). Fechando esta edição, Esportes trazia um reportagem de Brasília sobre investigações da CPI do Futebol e acusações contra o presidente do Vasco, Eurico Miranda, e outra de São Paulo com o início do Brasileirão 2007.

5. ANÁLISE POR REGIÃO

Consolidando os dados da pesquisa, podemos agora analisar os números e as correlações que surgiram do mapeamento final. Na tabela a seguir, estão o total de matérias, notas e reportagens do escopo aqui esboçado em cada veículo. O índice em percentagem aponta a presença de cada região em diferentes editorias e também no somatório final.

5.1. Folha de S. Paulo

FOLHA DE S. PAULO			
Editoria	Região	Nº de matérias	Porcentagem
BRASIL	Brasília	46	44,6%
	Rio	6	5,8%
	Ceará	1	0,9%
	DEMAIS REGIÕES	50	48,7%
	TOTAL	103	100%
DINHEIRO	Brasília	27	21,7%
	Rio	10	8%
	Ceará	1	0,8%
	DEMAIS REGIÕES	86	69,5%
	TOTAL	124	100%
COTIDIANO	Rio	23	29,8%
	Brasília	12	15,5%
	Ceará	3	3,8%
	DEMAIS REGIÕES	39	50,9%
	TOTAL	77	100%

ESPORTE	Rio	8	16%
	Brasília	1	2%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	41	82%
	TOTAL	50	100%
ILUSTRADA	Rio	4	20%
	Brasília	0	0%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	16	80%
	TOTAL	20	100%
TOTAL DE EDITORIAS	Brasília	86	22,9%
	Rio	51	13,6%
	Ceará	5	1,3%
	DEMAIS REGIÕES	232	62,2%
	TOTAL	374	100%

Neste veículo, encontramos 374 matérias produzidas sobre ou vindas de alguma das regiões pesquisadas. Neste total, Brasília é, de longe, o centro de maior destaque, com 86 matérias, ou 22,9%. Quase um quinto de todas as notícias veiculadas pela Folha no período analisado tem a capital da República como foco. Neste momento, estamos analisando apenas os números, sem correlacioná-los por tema, o que será feito na última parte da pesquisa.

Em segundo, o estado do Rio de Janeiro aparece com 51 matérias (13,6%), um percentual ainda significativo, mas quase metade do índice de Brasília. O Ceará tem presença ínfima na cobertura da Folha. No período, foram apenas cinco registros, com 1,9% do total. É interessante notar que os números do Rio e do Ceará guardam semelhança com a riqueza produzida nestes estados medida pelo PIB (Produto Interno

Bruto). De acordo com o IBGE, em 2005 (dado mais recente), o Rio contribui com 11,3% do total de bens e serviços produzidos no País e o Ceará com 2%.

A discrepância aparece no Distrito Federal. Com apenas 3,7% do PIB brasileiro, uma cidade do distrito consegue gerar quase 23% de notícias no jornal de maior veiculação nacional. A explicação mais óbvia e lógica é que o distrito possui o centro do político do País, o que torna o dado interessante para entender que a relação entre poder econômico e poder midiático é complexa e não pode ser analisada como algo estanque.

Entre as editorias, destacamos o caso da seção Brasil. O “Brasil“ da Folha está concentrado em Brasília. Das 103 matérias do período, nada menos que 46, ou 44,6% vieram daquela cidade. O Rio de Janeiro aparece seis vezes (5,8%) e o Ceará apenas uma (0,97%). Brasília mantém a predominância no caderno Dinheiro (21,7% do total), muito por conta da exclusão de São Paulo, grande centro financeiro, da contagem de matérias, já que se trata de um jornal paulista.

O Rio lidera nas editorias de Cotidiano (29,6%) e Esportes (16%). Veremos mais adiante que boa parte da presença da capital fluminense na seção de cotidiano deve-se a intensa cobertura sobre episódios relacionados à violência e ao futebol carioca, no caso dos esportes. Em Cotidiano, é onde o Ceará aparece mais vezes (três, ao todo).

A seção Ilustrada, de cultura, possui uma cobertura mais genérica, no sentido de não estar atrelada especificamente a regiões ou cidades. De qualquer forma, em sua maioria, o material da Ilustrada é autocentrado, focando em eventos e assuntos paulistanos. Nos poucos registros de outras regiões, o Rio aparece de forma mais significativa (20%).

Em termos de equipe, todas as cinco matérias vindas da capital cearense foram produzidas pela correspondente que a Folha mantém em Fortaleza. Aliás, esta é uma característica marcante do veículo. Como jornal de grande porte, a Folha produz material próprio fora de sua sede. Todo material encontrado em nossa pesquisa nas cidades de Brasília e no estado do Rio foram produzidas pelas respectivas sucursais do jornal.

De uma maneira geral, vemos que a Folha é um veículo com projeção nacional, mas que centra boa parte de sua cobertura no eixo São Paulo/Brasília, como mostram os números desta pesquisa. Uma região considerada periférica, como o Ceará, tem presença quase insignificante no material produzido pelo jornal. Em nossa pesquisa, vislumbramos que outras regiões, como estados da região Norte possuíam ainda menos presença na Folha, mas tal percepção não foi diagnosticada em termos quantitativos, o que pode ser feito em uma outra pesquisa mais ampla com o mesmo enfoque.

5.2. Correio Braziliense

CORREIO BRAZILIENSE			
Editoria	Região	Nº de matérias	Porcentagem
POLÍTICA	Rio	2	4,5%
	São Paulo	2	4,5%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	18	91%
	TOTAL	22	100%
BRASIL	Rio	8	16,3%
	São Paulo	4	8,1%
	Ceará	1	2%
	DEMAIS REGIÕES	36	73,6%
	TOTAL	49	100%

ECONOMIA	São Paulo	3	13%
	Rio	1	4,3%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	19	92,7%
	TOTAL	23	100%
CIDADES	Rio	1	11%
	São Paulo	1	11%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	7	78%
	TOTAL	9	100%
ESPORTES	Rio	21	27,7%
	São Paulo	13	16,8%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	43	55,5%
	TOTAL	77	100%
TOTAL DE EDITORIAS	São Paulo	38	21,1%
	Rio	33	18,3%
	Ceará	1	0,5%
	DEMAIS REGIÕES	108	60,1%
	TOTAL	180	100%

No Correio, encontramos 180 matérias dentro do escopo da pesquisa. Nesta amostra, o Rio predomina (18,3% ou 33 matérias), seguido por São Paulo, com 12,7% (23). O Ceará tem presença ínfima no jornal. No período pesquisado, apenas uma nota sobre o estado foi publicada, o que representa menos de 1% da amostragem.

Na seção de Política, encontramos um resultado já esperado. Como centro do poder e sede da capital federal, a região domina o noticiário nesta editoria. O que resta às demais regiões são apenas dois registros envolvendo o eixo Rio-São Paulo. O Ceará não aparece.

Na editoria intitulada Brasil, cuja produção é relativamente pequena, vemos uma radiografia concentrada do país. O Rio aparece oito vezes, com 16,3% da produção nesta editoria. São Paulo aparece pouco, com quatro matérias (8,1%). Ressaltamos que, nesta pesquisa, foi encontrada uma ampla cobertura da canonização do Frei Galvão, na cidade de Aparecida (SP), que incluiu a visita do papa Bento XVI. O jornal produziu um caderno especial com oito páginas. Optamos por não considerar este material, por classificá-lo como um evento extraordinário, o que poderia distorcer os dados. Ainda em Brasil, encontramos o único material sobre ou vindo do Ceará, mas somente analisaremos os temas em um segundo momento.

Os temas econômicos do Correio muitas vezes centram foco na própria Brasília. Ao contrário do que se poderia imaginar, São Paulo, pelo peso no PIB e referência como centro financeiro, não tem uma predominância muito ampla, aparecendo apenas três vezes no período pesquisado (13%). O Rio é citado uma única vez e o Ceará, nenhuma. Em Cidades, Rio e São Paulo também aparecem só uma única vez.

Vale ressaltar que o Correio é um jornal de menor porte em relação à Folha de S. Paulo e O Globo. Com isso, o volume de material produzido é inferior, o que pode ser comprovado pelo total de matérias em cada editoria. Finalizando, a seção de Esportes do veículo tem grande presença do eixo Rio-São Paulo (27,7% e 16,8%, respectivamente). Veremos, na análise de temas, a forte presença do futebol carioca na cobertura esportiva. O caderno de Cultura não apresentou um escopo para esta pesquisa, concentrando seu material em temas não vinculados a regiões específicas (estréia de filmes, lançamento de livros, etc.).

Na análise por registros, vemos que o Correio privilegia o eixo Rio-São Paulo. As duas regiões geraram nesta amostragem 31% das notícias publicadas. Excluído o

material de Brasília, muito concentrado na seção Política, a cobertura volta-se, em boa parte, ao que acontece nestes dois estados, especialmente, nas duas capitais. O Ceará tem presença ínfima na pauta de assuntos eleitos como noticiáveis pela equipe do jornal.

5.3. Diário do Nordeste

DIÁRIO DO NORDESTE			
Editoria	Região	Nº de matérias	Porcentagem
NACIONAL	Brasília	41	71,9%
	São Paulo	5	8,7%
	Rio	2	3,5%
	DEMAIS REGIÕES	9	15,9%
	TOTAL	57	100%
ÚLTIMA HORA	Brasília	11	37,9%
	São Paulo	5	17,2%
	Rio	3	10,3%
	DEMAIS REGIÕES	10	34,6%
	TOTAL	29	100%
ESPORTE	Rio	9	11,3%
	São Paulo	5	6,3%
	Brasília	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	65	82,4%
	TOTAL	79	100%
ECONOMIA	Brasília	11	11,3%
	São Paulo	9	9,2%
	Rio	6	6,1%
	DEMAIS REGIÕES	71	73,4%
	TOTAL	97	100%
CULTURA	São Paulo	3	15%
	Rio	3	15%
	Brasília	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	14	70%
	TOTAL	20	100%

TOTAL DE EDITORIAS	Brasília	63	22,3%
	Rio	27	9,5%
	São Paulo	23	8,1%
	DEMAIS REGIÕES	169	60,1%
	TOTAL	282	100%

O veículo impresso cearense de maior circulação tem uma produção elevada de matérias. Contabilizamos para nossa pesquisa 282, ao todo. Assim como na Folha de S. Paulo, no Diário, Brasília é região que, sozinha, gera mais notícias. Foram 63, o que representou 22,3% do total, um percentual bastante semelhante ao encontrado no jornal paulista (22,1%). São Paulo apareceu em 27 registros (9,5%), seguido pelo Rio (23 ou 8,1%).

O jornal tem uma seção chamada de Nacional, que concentra os assuntos diversos do país. Ressaltamos que para os assuntos políticos locais, há uma editoria específica. Em Nacional, o predomínio de Brasília é o maior encontrado em qualquer seção de qualquer jornal nesta pesquisa. Foram 41 matérias da capital federal, todas elas produzidas por agência, o que levou ao percentual de 71,9%. Apesar de o jornal informar que mantém uma sucursal em Brasília, estranhamente, não foram encontrados registros de sua produção. São Paulo e Rio contribuem com 8,7% e 3,5%, respectivamente. Somadas, estas três regiões representam 84,1% do “nacional” eleito pelo veículo.

Entre as editorias nobres, incluímos, no caso do Diário, uma chamada de Última Hora. Como nome preconiza, é destinada aos assuntos que chegam próximo ao fechamento da edição. Aqui, Brasília mantém a predominância (37,9%), seguido por São Paulo (17,2%) e Rio (10,3%).

A editoria de economia, aqui intitulada Negócios, tem uma ampla cobertura. É o caderno que mais gera notícias no período (97), com um percentual alto de produção própria. Com isso, as demais regiões não têm um índice elevado de registro. Concluimos pela avaliação, que esta seção privilegia assuntos da economia cearenses, elaborados com recursos próprios. Pela ordem, aparecem Brasília (11,3%), São Paulo (9,2%) e Rio de Janeiro (6,1%).

Em Esporte, também encontramos um alto percentual de espaço destinado aos assuntos locais. Das 79 matérias, apenas nove vieram do Rio (11,3%) e cinco de São Paulo (6,3%). Nenhuma notícia citava Brasília. Concluindo, a parte cultural, aqui com o nome de Caderno 3, também tem boa produção sobre assuntos da região. Na curta amostragem com presença externa (20 notícias), o eixo Rio-São Paulo gerou, cada uma, três matérias (15%).

O Diário aparece como um veículo que guarda bom espaço em editorias específicas aos assuntos do Ceará (Negócios, por exemplo). Mas, quando analisado como um todo, o jornal tem alta concentração de assuntos e matérias produzidos em três regiões. Somadas, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro geraram 39,7% de todas as notícias encontradas nas editorias aqui analisadas.

5.4. O Globo

O GLOBO			
Editoria	Região	Nº de matérias	Porcentagem
O PAÍS	Brasília	49	47,5%
	São Paulo	22	21,3%
	Ceará	3	2,9%
	DEMAIS REGIÕES	29	28,3%
	TOTAL	103	100%
ECONOMIA	Brasília	40	48,7%
	São Paulo	14	17%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	28	34,3%
	TOTAL	82	100%
ESPORTES	São Paulo	5	10,2%
	Brasília	3	6,1%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	41	83,7%
	TOTAL	49	100%
RIO	Brasília	4	9,5%
	São Paulo	1	2,3%
	Ceará	0	0%
	DEMAIS REGIÕES	37	88,2%
	TOTAL	42	100%
TOTAL DE EDITORIAS	Brasília	96	34,7%
	São Paulo	42	15,2%
	Ceará	3	1%
	DEMAIS REGIÕES	135	49,1%
	TOTAL	276	100%

Encerrando a análise quantitativa da pesquisa em relação aos fluxos de notícias, chegamos ao jornal O Globo. Nele, temos 276 matérias, com forte presença de Brasília (34,7%) e uma boa inserção de São Paulo (15,2%). A exemplo dos demais veículos, o

Ceará tem pouco ou nenhum destaque na cobertura jornalística, gerando apenas três notícias (1%).

Um dos resultados mais emblemáticos desta pesquisa ocorreu na análise da editoria O País. Aqui, encontramos 103 matérias, das quais 49 vieram de Brasília. É quase metade de toda a produção (47,5%). São Paulo aparece com um percentual menor (21,3%). Somando as duas regiões, vemos que o “País” no jornal está concentrado com 68,8% das notícias em Brasília e em São Paulo. É nesta seção que aparecem os únicos três registros vindos do Ceará.

Outro dado interessante aparece na editoria de Economia, onde, das 82 matérias selecionadas, 40 vinham da capital federal (48,7%), quase a metade do total. Ao contrário do poderia se imaginar, São Paulo, maior economia do Brasil, não predomina neste caderno, aparecendo com 17%. Ou seja, os assuntos que envolvem projetos para o crescimento do país (infra-estrutura, previdência, etc.) e a política macroeconômica (Banco Central e Ministério da Fazenda) se sobressaem, como veremos mais adiante.

Brasília tem uma influência tão grande em O Globo que consegue gerar notícias até na editoria Rio, voltada para assuntos cotidianos da capital fluminense. Foram quatro (9,5%). Esta balança se modifica na seção de Esportes, onde a presença do Rio é muito forte e a de Brasília é bem menor (6,1%). São Paulo, por sua vez, consegue “aparecer”, ainda que timidamente (10,2%).

A editoria de Cultura do jornal, intitulada Segundo Caderno, não trouxe elementos para ser quantificada. Sua cobertura também é auto centrada, com eventos e lançamentos locais, e outros assuntos desterritorializados, com uma cobertura diversificada, variando entre comportamento e o “agendão” cultural.

O Globo possui uma predominância de Brasília que nenhum outro veículo em nossa pesquisa apontou. Os 34,7% na contagem geral, 47,5% em O País e 48,7% em Economia demonstram como o veículo privilegia a centro de poder como centro gerador das notícias que considera as mais importantes.

Se somarmos com São Paulo, o percentual chega a 49,9%, ou seja, metade das matérias publicadas pelo jornal nas editorias selecionadas vem de apenas duas regiões do país. Por região entenda-se um estado e uma cidade. Mesmo levando-se em conta os centros político e econômico do país, é difícil imaginar uma cobertura diversificada e amplificada para um jornal com circulação e influência nacional, se a maior parte dela está engessada em pouquíssimos focos geradores.

6. ANÁLISE POR TEMAS

Agora passaremos a analisar a cobertura dos jornais sobre as diferentes regiões dividindo-as por temas. Em cada matéria, foi identificado o assunto central. Assim poderemos ter dados sobre quando e através de que temas as diferentes regiões aqui pesquisadas conseguem gerar notícias.

6.1. Folha de S. Paulo

FOLHA DE S. PAULO			
Região	Temas	Nº de matérias	Porcentagem
BRASÍLIA	Corrupção/Irregularidades	15	17,4%
	Crise aérea	12	13,9%
	Articulação política/Câmara/Senado	11	12,7%
	Emprego, renda, mercado de trabalho	5	5,8%
	Banco Central (política macroeconômica)	5	5,8%
	Empresas	4	4,6%
	Reforma agrária	4	4,6%
	Meio ambiente	4	4,6%
	Previdência	4	4,6%
	Política fiscal	3	3,4%
	Educação	3	3,4%
	Saúde	3	3,4%
	Crescimento	3	3,4%
	Comunicações	2	2,3%
	Gastos públicos	1	1,1%
	Reforma política	1	1,1%
	Transporte	1	1,1%
	Balança comercial	1	1,1%
	Esporte (basquete)	1	1,1%
	Políticas sociais	1	1,1%
	Total Brasília	86	100%
CEARÁ	Saúde (protesto anti-aborto – Min. Saúde)	2	40%
	Saúde (morte por corte de energia)	1	20%
	Corrupção/Irregularidades	1	20%
	Energia	1	20%
	Total Ceará	5	100%

RIO DE JANEIRO	Violência	16	31,7%
	Empresas	6	11,7%
	Educação	5	9,8%
	Esporte (Pan Americano)	4	7,8%
	Corrupção/Irregularidades	3	5,8%
	Cultura (música)	3	5,8%
	Esporte (CBF)	2	3,9%
	Futebol carioca	2	3,9%
	Comércio (IBGE/FGV)	2	3,9%
	MST (invasões)	2	3,9%
	Crise aérea	1	1,9%
	Articulação política	1	1,9%
	Ciência/Pesquisa	1	1,9%
	Aviação	1	1,9%
	Inflação (IBGE)	1	1,9%
	Cultura	1	1,9%
	Esporte	1	1,9%
	Total Rio de Janeiro	51	100%

Na Folha, Brasília é a região com maior predominância, como vimos no capítulo anterior. Por temas, as matérias enfocando algum nível de corrupção ou irregularidades foram 17,4% do total, o maior percentual por assunto. Nesta pesquisa, resolvemos contabilizar em separado as notícias sobre a crise aérea que se instalou nos aeroportos do Brasil, após o acidente envolvendo um boeing da Gol contra o jato Legacy em plena selva amazônica, ocorrido em setembro de 2006. Esta crise ganhou força com um segundo acidente, com um avião da TAM em Congonhas, em julho de 2007.

Com isso, ao longo de praticamente um ano, centenas de matérias foram produzidas sobre as razões dos acidentes, acusações entre controladores de tráfego e a ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil), falhas de infra-estrutura e supostos desvios de conduta das autoridades responsáveis pela segurança dos vôos no país.

Em nossa pesquisa, diversas matérias abordam este tema. No caso das notícias vindas da sucursal Brasília da Folha, o foco estava na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), formada para apurar irregularidades e desvios de conduta que pudessem explicar o caos aéreo. Foram 12 reportagens (13,9%). Se levarmos em conta este material, o que foi produzido na capital federal enfocando alguma espécie de irregularidade, corrupção e as investigações em andamento somou 31,1% do total, quase um terço.

O outro tema mais abordado foi o cotidiano legislativo, com a tramitação de projetos, votações e a articulação política entre os partidos no Congresso Nacional (12,7%). Os assuntos econômicos geram bastante informação em Brasília para a Folha. Separadamente, a cobertura da política macroeconômica e do mercado de trabalho, emprego e renda lideram neste segmento. Quando somados, o foco econômico esteve presente em 24,4% de toda a cobertura. Os demais assuntos estão distribuídos de forma fragmentada. Basicamente, envolve diferentes pastas ministeriais do executivo (Previdência, Saúde, Educação e Meio Ambiente) e parques registros de temas variados (Esportes e políticas sociais).

Tentando condensar a cobertura da Folha de Brasília, diríamos que é uma produção muito concentrada em corrupção, irregularidades e as conseqüentes investigações, responsáveis por quase um terço do total. Este foco se sobrepõe bastante ao mero registro da agenda legislativa e do executivo, seja na tramitação de projetos ou negociações entre Congresso Nacional e Palácio do Planalto. A segunda área de grande importância para o veículo são os temas econômicos que circulam nos poderes da capital. De decisões no Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica)

envolvendo grandes empresas, às políticas macroeconômica e fiscal do governo, a economia tem um peso forte na agenda brasileira da Folha.

Passando ao Rio, o foco é muito claro e os números são expressivos. De todas as matérias publicadas na Folha sobre a região no período aqui analisado, 31,3% eram sobre violência. A maior parte delas foca na questão do que o jornal classifica como “guerra do tráfico”. Os confrontos entre traficantes e a polícia têm forte presença no veículo, com alguns registros também da violência nas ruas (seqüestros, tiroteios, balas perdidas).

O segundo assunto com maior frequência são as empresas instaladas na capital fluminense (11,7%). No Rio, estão as sedes das duas maiores empresas do Brasil (Vale e Petrobras), além de outras líderes em seus segmentos (caso da Oi, de telefonia). A parte econômica que interessa à Folha no estado é composta, ainda, pelo IBGE (órgão de estatística oficial do governo) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que também produz índices de inflação relevantes, como IGP-M e o IGP-DI.

Além de economia, em termos agregados, outro tema mais recorrente, após a violência, são os esportes, especialmente o futebol carioca e eventos extraordinários que tem o Rio como palco, caso do Pan Americano. Temas como educação, corrupção e irregularidades e cultura também estão presentes no “espelho” fluminense presente na Folha.

No caso do Ceará, os registros são tão poucos que podemos até nos ater mais detalhadamente. Um único episódio gerou duas notícias. Em visita à Fortaleza, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, foi alvo de protesto de militantes contrários à sua posição pró-aborto expressa reiteradas vezes. Vale ressaltar que este foi o único fato que gerou matérias em todos os jornais aqui pesquisados.

Nas demais matérias, encontramos uma sobre a morte de um paciente após ter o fornecimento de energia cortado por falta de pagamento, a prisão de dois suspeitos por tentativa de fraudes no vestibular e a queda no preço das tarifas de energia elétrica no Estado. Na Folha, o Ceará apareceu, basicamente, ou através da passagem de autoridades e ou pelo inusitado (a morte de uma pessoa que não pagou a conta de luz e morreu com o aparelho que lhe mantinha vivo desligado).

6.2. Correio Braziliense

CORREIO BRAZILIENSE			
Região	Temas	Nº de matérias	Porcentagem
SÃO PAULO	Futebol paulista	13	56,5%
	Mercado financeiro/Bovespa	3	13%
	Violência	2	8,6%
	Polícia	1	
	Curiosidade (decreto proíbe feirante de gritar)	1	4,3%
	Crise aérea	1	4,3%
	Qualidade de vida – Ranking de cidades	1	4,3%
	Política fiscal	1	4,3%
	Educação/Violência/Drogas	1	4,3%
	Religião	1	4,3%
	Cultura (teatro)	1	4,3%
	Total São Paulo	23	100%
RIO DE JANEIRO	Futebol carioca	20	60,6%
	Violência	6	18,1%
	Crise aérea	1	3%
	Qualidade de vida – Ranking de cidades	1	3%
	Política fiscal	1	3%
	Educação/Violência/Drogas	1	3%
	Empresas	1	3%
	Cultura (cinema)	1	3%
	Total Rio de Janeiro	33	100%
CEÁRA	Política fiscal	1	50%
	Saúde (protesto anti-aborto – Min. Saúde)	1	50%
	Total Ceará	2	100%

Como vimos anteriormente, o Rio de Janeiro é a região com maior penetração no noticiário do Correio. Podemos constatar aqui que o principal tema correlacionado

ao Rio é o futebol carioca, com 60% do total de matérias. É interessante notar que não há referência a nenhum outro esporte. O foco está nos quatro clubes grandes da capital fluminense (Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense). Portanto, o futebol é, de longe, a principal referência que o Correio possui do Rio.

Em seguida, encontramos a violência urbana como principal destaque (18%). Os confrontos entre traficantes e policiais são o tema dominante neste assunto. Nenhuma destas matérias foi produzida por correspondentes do jornal. Como não tinham assinatura, pressupomos que o material veiculado é mesmo de agências. Excluindo estes dois tópicos (futebol e violência), o Rio aparece em assuntos diversos, como suas empresas ou material de cultura.

Vale aqui ressaltar que foram excluídos da análise os cadernos de TV que circulam aos finais de semana, já que, para uma amostra representativa destes cadernos, precisaríamos de um maior escopo e, conseqüentemente, mais tempo. Sabemos que, por ser a sede de um grande pólo televisivo (Globo e Record), o Rio gera muito material sobre televisão, mas não podemos comentar este aspecto da cidade sem os respectivos números.

Passando a São Paulo, mais uma vez, é o futebol e os grandes times da capital, incluindo ainda, o Santos, que geram mais notícias (56%). O caderno de Esportes do Correio gera bastante informação sobre os times do Rio e de São Paulo, o que denota a força e a projeção destes clubes em Brasília, ajudado, talvez, pela menor expressão nacional dos principais times da capital federal (Gama e Brasiliense).

Entre os demais assuntos paulistanos, encontramos referências ao mercado financeiro e à Bovespa, seguido de temas diversos (violência, educação, etc). Já ressaltamos no capítulo anterior que foi encontrada no Correio uma ampla cobertura da

canonização do Frei Galvão, na cidade de Aparecida (SP), que incluiu a visita do papa Bento XVI. O jornal produziu um caderno especial com oito páginas, mas desconsideramos este material, por tratar-se de um evento extraordinário, o que poderia distorcer os dados.

Por último, a presença do Ceará é rarefeita e deu-se em dois momentos. Em visita à Fortaleza, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, foi alvo de protesto de militantes contrários à sua posição pró-aborto expressa reiteradas vezes. O episódio também gerou registros nos demais jornais aqui pesquisados. A outra referência ao Ceará, mais especificamente, Fortaleza, é relativa a uma pesquisa sobre gastos públicos no Brasil. A capital cearense aparece, entre outras cidades, como exemplo de ineficiência na gestão destes recursos.

6.3. Diário do Nordeste

DIÁRIO DO NORDESTE			
Região	Temas	Nº de matérias	Porcentagem
BRASÍLIA	Articulação política/Câmara/Senado	18	28,5%
	Crise aérea	14	22,2%
	Corrupção/Irregularidades	10	15,8%
	Previdência	3	4,7%
	Política fiscal	3	4,7%
	Educação	3	4,7%
	Crescimento	3	4,7%
	Políticos (ACM / Pedro Simon)	2	3,1%
	Balança comercial	2	3,1%
	Gastos públicos	1	1,5%
	Comunicações	1	1,5%
	Políticas sociais	1	1,5%
	Saúde	1	1,5%
	Emprego, renda, mercado de trabalho	1	1,5%
	Bancos/Consumidor	1	1,5%
	Judiciário	1	1,5%
	Religião	1	1,5%
Total Brasília	63	100%	

SÃO PAULO	Mercado financeiro/Bovespa	4	14,8%
	Futebol paulista	4	14,8%
	Previdência	3	11,1%
	Comércio e serviços	3	11,1%
	Religião (Frei Galvão)	3	11,1%
	Crise aérea	2	7,4%
	Cultura (cinema)	2	7,4%
	Curiosidade (apreensão de animal)	1	3,7%
	Reforma agrária	1	3,7%
	Cultura (TV)	1	3,7%
	Cultura (música)	1	3,7%
	Cultura (dança)	1	3,7%
	Siderurgia / Economia	1	3,7%
	Total São Paulo	27	100%
RIO DE JANEIRO	Futebol carioca	7	30,4%
	Empresas	4	17,3%
	Esporte (vôlei de praia)	3	13%
	Crise aérea	3	13%
	Cultura (cinema)	2	8,6%
	Cultura (TV)	1	4,3%
	Cultura (teatro)	1	4,3%
	Violência	1	4,3%
	Comércio (Pesquisa FGV)	1	4,3%
	Esporte (surf)	1	4,3%
	Total Rio de Janeiro	23	100%

Assim como na Folha de S. Paulo, Brasília tem ampla predominância sobre o noticiário do veículo cearense. Entre os temas, a articulação política, o cotidiano do Congresso Nacional e o trâmite de projetos aparecem como o principal assunto (28%). Há uma inversão aqui. Ao contrário da Folha, o Diário dá menos espaço em sua cobertura para assuntos sobre corrupção e irregularidades (15%).

Seria interessante, em outra oportunidade, investigar se esta opção estaria relacionada com uma cobertura mais “fria” feita pelas agências de notícias, das quais o jornal depende, ou se seria mesmo uma linha do veículo. A crise aérea também mereceu destaque no período analisado. Os demais assuntos sobre Brasília seguem o padrão entre política econômica, previdência, educação entre outros.

Já a cobertura vinda de São Paulo é bastante fragmentada. Apenas se somarmos todos os temas econômicos é que encontramos um dado mais significativo, com 37% das matérias gravitando em torno da economia. Destaque também para o material de cultura, que respondeu por 25% do total. De qualquer forma, como vimos no capítulo anterior, São Paulo não tem um peso tão grande como Brasília no noticiário escolhido pelo jornal cearense.

Menos peso ainda tem o Rio. Quando o estado surge, a maior parte das vezes (30%) é com o futebol carioca. Os times grandes do Rio possuem grande penetração no Nordeste, o que ajuda a explicar o espaço destinado ao desempenho deles em competições locais e nacionais. O esporte, como um todo, é o principal gerador de notícias sobre o estado neste veículo.

Em seguida, temos a economia, com matérias sobre as duas maiores empresas do País (Petrobras e Vale), ambas com sede na capital fluminense, e assuntos culturais de TV e Teatro. Um dado bastante curioso é que a violência, de amplo destaque nos demais jornais pesquisados, não possui aqui qualquer predominância no Diário. Na verdade, só gerou uma única matéria em todo o período pesquisado.

6.4. O Globo

O GLOBO			
Região	Temas	Nº de matérias	Porcentagem
BRASÍLIA	Articulação política/Câmara/Senado	21	21,8%
	Crise aérea	13	13,5%
	Corrupção/Irregularidades	12	12,5%
	Crescimento/Infra-estrutura	7	7,2%
	Saúde	7	7,2%
	Educação	7	7,2%
	Empresas	5	5,2%
	Política fiscal	4	4,1%
	Emprego, renda, mercado de trabalho	3	3,1%
	Meio ambiente	3	3,1%
	Banco Central (política macroeconômica)	3	3,1%
	Previdência	2	2%
	Esporte (basquete)	1	1%
	Esporte (CBF)	1	1%
	Violência	1	1%
	Reforma agrária (MST)	1	1%
	Gastos públicos	1	1%
	Judiciário	1	1%
	Eleições	1	1%
	Balança comercial/Comércio exterior	1	1%
	Comunicação	1	1%
	Ciência e tecnologia	1	1%
	Políticos (Sarney)	1	1%
Total Brasília	96	100%	
SÃO PAULO	Violência	5	11,9%
	Religião (Papa / Frei Galvão)	5	11,9%
	Empresas	4	9,5%
	Corrupção	3	7,1%
	Políticos	3	7,1%
	Emprego	2	4,7%
	Educação	2	4,7%
	Qualidade de vida	2	4,7%
	Futebol paulista	2	4,7%
	Vôlei	2	4,7%
	Crise aérea	2	4,7%
	Mercado financeiro/Bovespa	1	2,3%
	Esporte (F1)	1	2,3%
	Comunicações	1	2,3%
	Reforma agrária (MST)	1	2,3%
	Defesa do consumidor	1	2,3%
	Previdência	1	2,3%
	Saúde	1	2,3%
	Energia (combustíveis)	1	2,3%
	Política fiscal	1	2,3%
	Balança comercial/Comércio exterior	1	2,3%
Total São Paulo	42	100%	

CEARÁ	Saúde (protesto anti-aborto – Min. Saúde)	1	25%
	Reforma agrária (MST)	1	25%
	Educação (ranking)	1	25%
	Educação/Corrupção – Golpe do Vestibular	1	25%
	Total Ceará	4	100%

Como vimos no capítulo anterior, Brasília tem grande peso na cobertura de O Globo. Diferentemente da Folha, o veículo dá menos ênfase a matérias sobre corrupção/irregularidades. Os números mostram que 21,8% do total produzido da capital federal tratam do cotidiano do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto (trâmite de projetos, articulação política, disputa por cargos e indicações, etc). A crise aérea também teve destaque no jornal, seguido, agora sim, pelos assuntos de corrupção/irregularidades, com 12%.

Saúde e educação tiveram o mesmo espaço de matérias sobre crescimento, a maioria abordando o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), lançado pelo governo federal em 2007. Os demais temas da cobertura de O Globo têm um espectro amplo: empresas (de outros estados afetadas por decisões tomadas em Brasília), política fiscal, emprego, renda, mercado de trabalho, meio ambiente, política macroeconômica e previdência, entre outros. Dados interessantes incluem, ainda, a presença ínfima de matérias sobre violência e esportes e a ausência completa de temas culturais.

Passando para a abordagem sobre São Paulo, alguns resultados podem ser considerados inesperados. A cobertura é diversificada, mas, o assunto que mais gerou notícias foi a violência no Estado (12%), em especial, na capital paulistana. É interessante notar que, assim como a Folha privilegia assuntos sobre violência em sua cobertura sobre o Rio, no fluxo invertido, a situação permanece, se não com a mesma

intensidade, pelo menos com intenções semelhantes. É um fenômeno que merece um estudo mais aprofundado para entender suas razões e desdobramentos.

No caso do Globo, optamos por incluir a cobertura da canonização do Frei Galvão, na cidade de Aparecida (SP), que incluiu a visita do papa Bento XVI, porque o veículo não publicou um caderno especial, a exemplo do Correio Braziliense, e porque o número limitado de matérias (cinco) não representaria uma distorção nos números, em nossa avaliação.

Apenas quando agregamos os assuntos por área temática, a economia reúne o maior número de matérias, chegando a 20% do que o jornal gerou de notícias sobre o São Paulo durante o período pesquisado. A maior concentração fica nas importantes empresas que o Estado possui. O esporte também é um considerável fator gerador de notícias, com o futebol, o vôlei e até mesmo a Fórmula 1, já que a capital paulistana sedia o grande prêmio do Brasil.

Sobre o Ceará, o Globo publicou quatro reportagens, uma delas, como já antecipamos, sobre o protesto anti-aborto contra o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, quando de sua passagem por Fortaleza. Este episódio foi o único a ser registrados pelos três jornais além do Diário do Nordeste. Outra matéria focava em protestos do MST (Movimento dos Sem Terra), em ocupações no interior do Estado. Encontramos também um material produzido em Fortaleza sobre um extenso ranking escolar do Ministério da Educação. Curiosamente, este material não citava nenhum município cearense. Por último, uma reportagem sobre um golpe aplicado no vestibular da UFC (Universidade Federal do Ceará) e a prisão de alguns dos envolvidos.

A presença do Ceará no noticiário deste veículo segue, em linhas gerais, o ritual dos demais. Ao Estado, é certa a presença na radar do jornalismo impresso quando

autoridades de âmbito considerado nacional estão em visita, com assuntos pitorescos ou curiosos ou como extensão de coberturas nacionais (caso das ocupações do MST e do ranking do MEC). Em ambos os casos, o Ceará aparece como coordenada de outra cobertura mais ampla, geralmente, liderada em alguns dos epicentros midiáticos do país (Rio, São Paulo ou Brasília).

7. CONCLUSÕES

Neste longo percurso que trilhamos, partindo de nosso referencial teórico nos campos da comunicação internacional e da teoria do jornalismo, passando pela coleta de dados empíricos, até chegarmos ao cruzamento e análise destes dados, que conclusões podemos, afinal, apontar?

Na avaliação por amostragem de notícias, vimos como se desenham os fluxos entre quatro regiões e os quatro veículos escolhidos como parâmetro. Em nossa análise, é inegável que três regiões (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) se mostram como os epicentros midiáticos do País. Em muitos casos, como vimos, uma única região é capaz de concentrar quase um terço das notícias produzidas por um jornal e quase metade no caso de editorias nobres como a de política.

Brasília acabou tornando-se o eixo central desta pesquisa. A força dos números fala por si só, pois a capital federal é quem mais gera notícias entre todos os veículos aqui pesquisados. A dependência do material produzido em Brasília nos revela uma concentração e, diríamos, quase uma obsessão diária dos veículos no que acontece pelos eixos que ligam o Palácio do Planalto, a esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional.

Há o exemplo emblemático de editorias, ironicamente, intituladas Brasil (Folha) e O País (O Globo), onde Brasília foi responsável por 44% e 47% das notícias, respectivamente. Por sua inegável e natural importância, que dispensa explicações mais detalhadas, a sede do poder executivo, legislativo e judiciário, em nível federal, teria grande peso na grade do que é selecionado como noticiável. Nossa pesquisa, entretanto, aponta para o seguinte questionamento: por mais importante que seja, uma região deve

concentrar um terço do que produz um jornal de projeção nacional? Que país seria este para O Globo e que Brasil seria este para a Folha?

Como vimos na avaliação dos números revelada nos últimos capítulos, nem mesmo São Paulo, centro econômico do País, chega próximo ao peso midiático de Brasília. Apenas no Correio Braziliense, o estado conseguiu gerar mais de um quinto das notícias. O Rio, por sua vez, obteve seu maior índice também no Correio. Podemos afirmar também que, com base dos números aqui levantados, o eixo São Paulo-Brasília tem peso bem maior, em termos midiáticos, do que poderíamos pensar através do imaginário criado em torno do eixo Rio-São Paulo. Basta agregar os dados em qualquer amostra e comparar para vermos que a balança pende sempre para o primeiro eixo.

No caso do Ceará, o número ínfimo de registros é um dado que confirma o tratamento periférico concedido a regiões distantes dos eixos midiáticos exemplificados nesta pesquisa. Pudemos observar, mesmo sem levantar números, que o enfoque para outras regiões com características semelhantes foi bastante parecido, ou seja, rarefeito. Folheando os jornais para codificação das matérias, vimos poucas ou quase nenhuma referência nas editoriais “nobres” aqui analisadas a estados da região Nordeste, Centro-Oeste e Norte, com exceção ao tratamento da questão amazônica.

Como dissemos ao longo deste trabalho, seria muito limitador fixar o eixo desta discussão entre ricos X pobres. Por esta razão, cruzamos os dados entre as todas quatro regiões pesquisadas através de seus respectivos jornais de maior circulação, descobrindo, por exemplo, qual a relação midiática entre duas regiões proeminentes como Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste foco específico, encontramos uma relação baseada sobre o espectro da violência. Tanto O Globo como a Folha de S. Paulo dão grande importância a notícias

sobre violência em ambas as cidades. Passando ao Rio, o foco é muito claro e os números são expressivos. De todas as matérias publicadas na Folha sobre o Rio no período aqui analisado, 31,3% eram sobre violência. A maior parte delas foca na questão do que o jornal classifica como “guerra do tráfico”. Os confrontos entre traficantes e a polícia têm forte presença no veículo, com alguns registros também da violência nas ruas (seqüestros, tiroteios, balas perdidas). No sentido contrário, São Paulo, embora em menor proporção, também aparece ao Rio como uma cidade violenta, com registros de seqüestros, assaltos a banco ou rebeliões em presídios.

Em relação aos temas, encontramos diversas abordagens: a Brasília corrupta da Folha, o Rio dos esportes para o Correio e a São Paulo do coração econômico no Diário. As correlações são múltiplas e podem ser melhor avaliadas se ampliado o escopo de análise em uma futura pesquisa, que pudesse incluir, por exemplo, os cadernos semanais de turismo. Assim seria possível mensurar com maior amplitude fluxos de outras regiões do país e aprofundar as representações marcadas sobre cada realidade.

Começamos este trabalho partindo do princípio que os desequilíbrios entre os fluxos de comunicação entre países poderiam se repetir internamente e focamos no jornalismo impresso brasileiro para verificar esta hipótese. Os dados levantados ao longo de nossa pesquisa nos permitiram concluir que tal premissa é verdadeira, como demonstram os números e percentuais sobre as diferentes regiões escolhidas.

A forte concentração de notícias encontrada aqui no que chamamos de epicentros midiáticos pode servir de base para que outros pesquisadores busquem entender as razões deste fenômeno e, mais ainda, as conseqüências que ele traz em relação ao imaginário e às representações construídas sobre cidades e estados. Que

imagem carrega o leitor sobre uma região que só aparece no jornal de sua preferência quando uma autoridade sofre um protesto de natureza religiosa?

Não nos propusemos tentar entender o que se move atrás destes fenômenos. Para isso, certamente, teríamos que gerar uma segunda dissertação. Queríamos contribuir, modestamente, para os estudos de comunicação internacional no Brasil, tão carente de estudos com abordagens empíricas semelhantes. Sem este mapeamento, não será possível compreender o que se passa no jornalismo brasileiro quando se trata de como e com que frequência certos temas e assuntos conseguem passar pelos filtros de noticiabilidade vigentes em nossas redações.

REFERÊNCIAS

- BAGDIKIAN, Ben H. *The New Media Monopoly*. Boston, Beacon Press, 2004.
- BAURER, Martin & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático*. São Paulo, Vozes, 2002.
- BINDÉ, Jerome, *Towards knowledge societies - UNESCO World Report*. Paris, UNESCO, 2005.
- BIRD, S.E & DARDENNE, R.W. *Mito, Registro e Estórias: Explorando as Qualidades Narrativas das Notícias*. In: TRAQUINA, N. *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa, Ed. Veja, 1993.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede – A Era da Informação, Vol 1*. São Paulo, Paz e Terra, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- DOYLE, Gillian. *Media Ownership*. Sage Publications, Londres. 2002.
- FADUL, Anamaria. Internacionalização dos Grupos de Mídia no Brasil nos anos 90. In: MARQUES DE MELO, J.; CASTELO BRANCO, S. (Org.). *Pensamento Comunicacional Brasileiro: O Grupo de São Bernardo*. São Bernardo do Campo: UESP, 1998.
- FADUL, Anamaria. *A Internacionalização da Mídia Brasileira*. Comunicação e Sociedade. UESP, São Bernardo do Campo. 1998.
- GANS, Herbert. *Deciding What's News*. New York, Pantheon Books, 1979.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo, Paulus, 2004.

IANNI, Otávio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996

KOVACH & ROSENSTIEL. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo, Geração Editorial, 2003.

KUHN, Fernando. *O Rádio entre o Local e o Global – Fluxo, Contra-fluxo e Identidade Cultural na Internet*. Tese de doutorado, São Paulo, UMESP, 2005.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo, Edusp, 2002.

LOZANO, José-Carlos. Conglomerados de Mídia e Fluxos Audiovisuais na América Latina. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, nº 5, Escola Superior de Propaganda e Marketing- ESPM, São Paulo, 2005.

MACBRIDE COMMISSION. *Many voices, one world: Towards a new, more just, and more efficient world information and communication order*. Paris, UNESCO, 1980.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*. São Paulo, Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003.

MINDICH, David. *Just the Facts – How Objectivity Came to Define American Journalism*. New York, New York University Press, 1998.

NORDENSTRENG, Kaarle. *The MacBride Report: A Milestone in the Great Media Debate*. *Quardens del CAC* (Consell de l'Audiovisual de Catalunya, Catalonia Broadcasting Council), nº 21, 2005.

NORDESTRENG, K. & VARIS, T. *Television Traffic: a one-way street?* Paris: UNESCO Report, 1974

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo, Hucitec, 1997.

SHUDSON, Michael. *Discovering the News - A Social History of American Newspapers*. New York, Basic Books, 1978.

THUSSU, Daya Kishan. *Media On The Move – Global Flow and Contra-flow*. Londres, Routledge, 2006. xcv b

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo V. 1 - Porque As Noticias São Como São*. Florianópolis, Editora Insular, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1995.